A CENA *muda*

Semanário de ARTE
ANO 30 ★ N.º 15, de 12 de abril de 1951

SUMÁRIO

Sim, aconteceu (Leon Eliachar) ... 3
Pernas, passaporte para a glória ... 4
Cantinflas, o milionário (Leon Eliachar) ... 5
Encontro com o destino (cine-romance) ... 8
Fado (resumo) ... 11
Rádio (Armando Migueis) ... 12
Antologia dos cronistas cariocas Salvyano Cavalcanti de Paiva) ... 14
Canarinho que não é belga (Salvyano Cavalcanti de Paiva) ... 15
Vergonha (resumo) ... 18
Telas da cidade ... 20
George Sanders na intimidade ... 21
Um filme italiano no Festival (Alberto Conrado) ... 27
Melodias para você ... 29
Arquivo (Brooklyn Jack) ... 32
Música (Oswaldo da Cunha) ... 3!
Pausa para meditação ... 34

CAPA
BARBARA STANWYCK
(Paramount)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones — Secretaria, 22-4447: Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assi- (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números). Cr$ 75.000. Registrada: Anual. Cr$-180.00. Semestral. Cr$ 90.00. Estrangeiro: Anual. Cr$ 280.00; Semestral. Cr$ 140.00. Número atrasado. Cr$ 3.50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça. 19 West 44th Street. New York City. N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima. Avenida Fontes Pereira de Melo. 34. 2º Distrito. Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos. Caixa Postal 434. Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia.. Constituyente. 1746. Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa». Florida. 229. Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

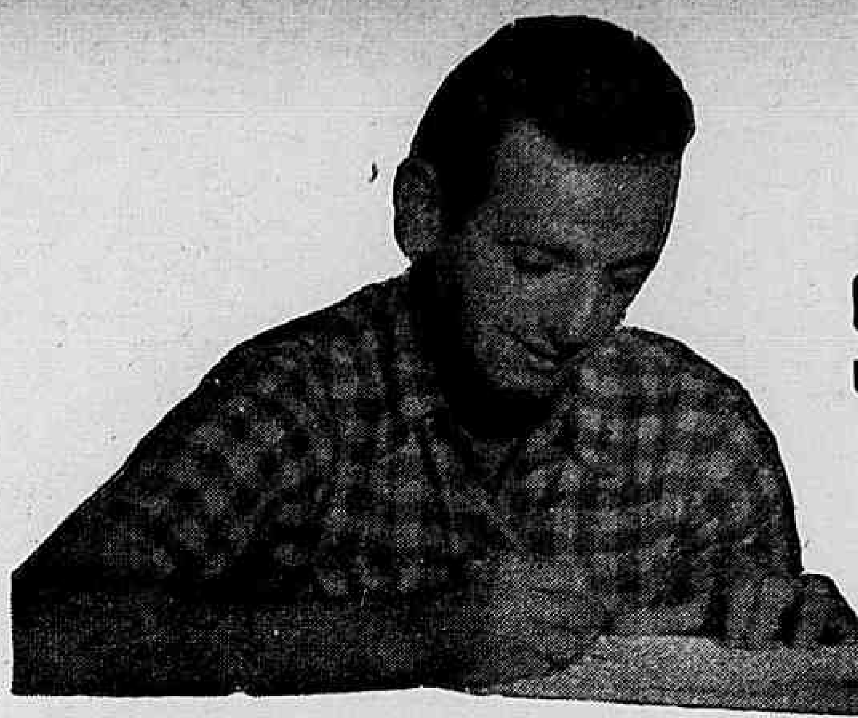
★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Publicidade em São Paulo: Jarbas de Freitas Galvão Rua da Conceição, 58 — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE
CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR
Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



SIM, ACONTECEU

FORAM inaugurados os novos estúdios da "Flama", companhia que se mudou de Jacarèzinho para Laranjeiras, tendo como dirigentes Rubens e Carlos Bernardo Carneiro da Cunha e Moacyr Fenelon como diretor técnico. Amplos, modernos, bem equipados e com os vários departamentos bem distribuídos, a produtora de "Dominó Negro" e "Falso Detective" pretende produzir filmes com regularidade, tendo iniciado as filmagens de "Milagre de Amor", com Paulo Pôrto e Rosângela. Na noite da inauguração, a "Flama" cedeu um fotógrafo aos jornalistas e ali tiramos várias fotos. As cópias que nos entregaram foi uma lástima! E até hoje estamos esperando que nos enviem novas chapas, para fazermos a devida divulgação. Sim, porque é preciso que os leitores conheçam por dentro o desenvolvimento do cinema nacional. E A CENA, como sempre, está disposta a lhes proporcionar essa oportunidade.

★

Enquanto isso, Alberto Cavalcânti foi recebido pelo sr. Getúlio Vargas, no Palácio Rio-Negro, em Petrópolis, com quem tratou de assuntos referentes ao cinema nacional. O Presidente da República deu apoio à iniciativa do conceituado diretor cinematográfico, no sentido da criação do Instituto Nacional do Cinema. Vamos ver o que é que sai.

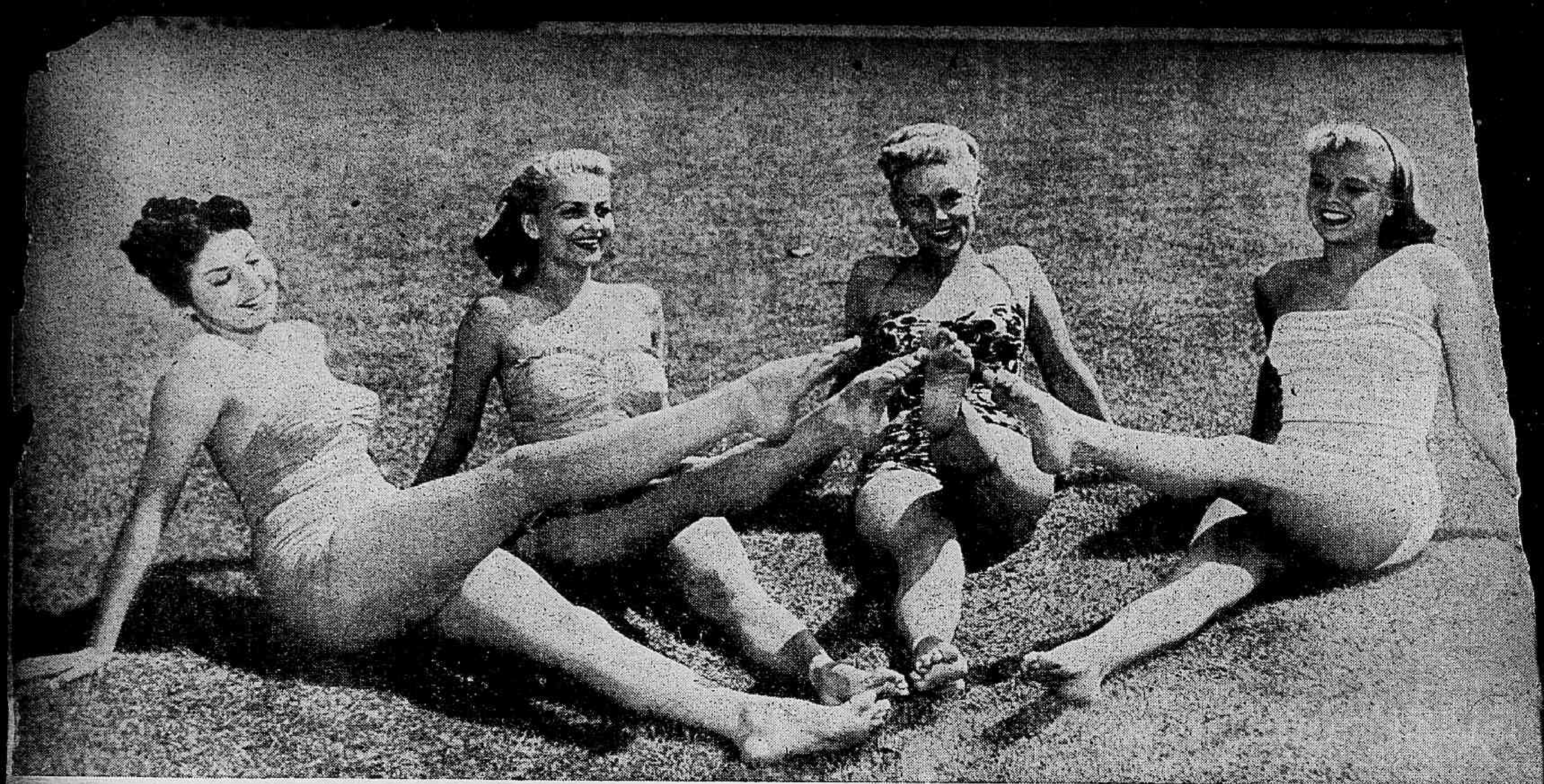
★

Houve acusação de plágio, por parte de um repórter, ao argumentista e diretor cinematográfico Carlos Ortiz (crítico da "Folha da Manhã", de São Paulo) pelo seu filme "Alamêda da Saudade, 113", e o caso foi parar nos tribunais. Acusação injusta, visto o argumento ter sido baseado numa lenda, já explorada por vários escritores, inclusive Humberto de Campos, a brilhante defesa do advogado Modesto Naclerio Homem foi bastante convincente para que o Juiz de Direito da 1.ª Vara Cível, de São Paulo, desse ganho de causa à parte acusada. Antes assim. Os entraves provocados pelos inimigos gratuitos do bom e honesto cinema nacional devem ser combatidos implacàvelmente. E os seus responsáveis devem ser punidos.

★

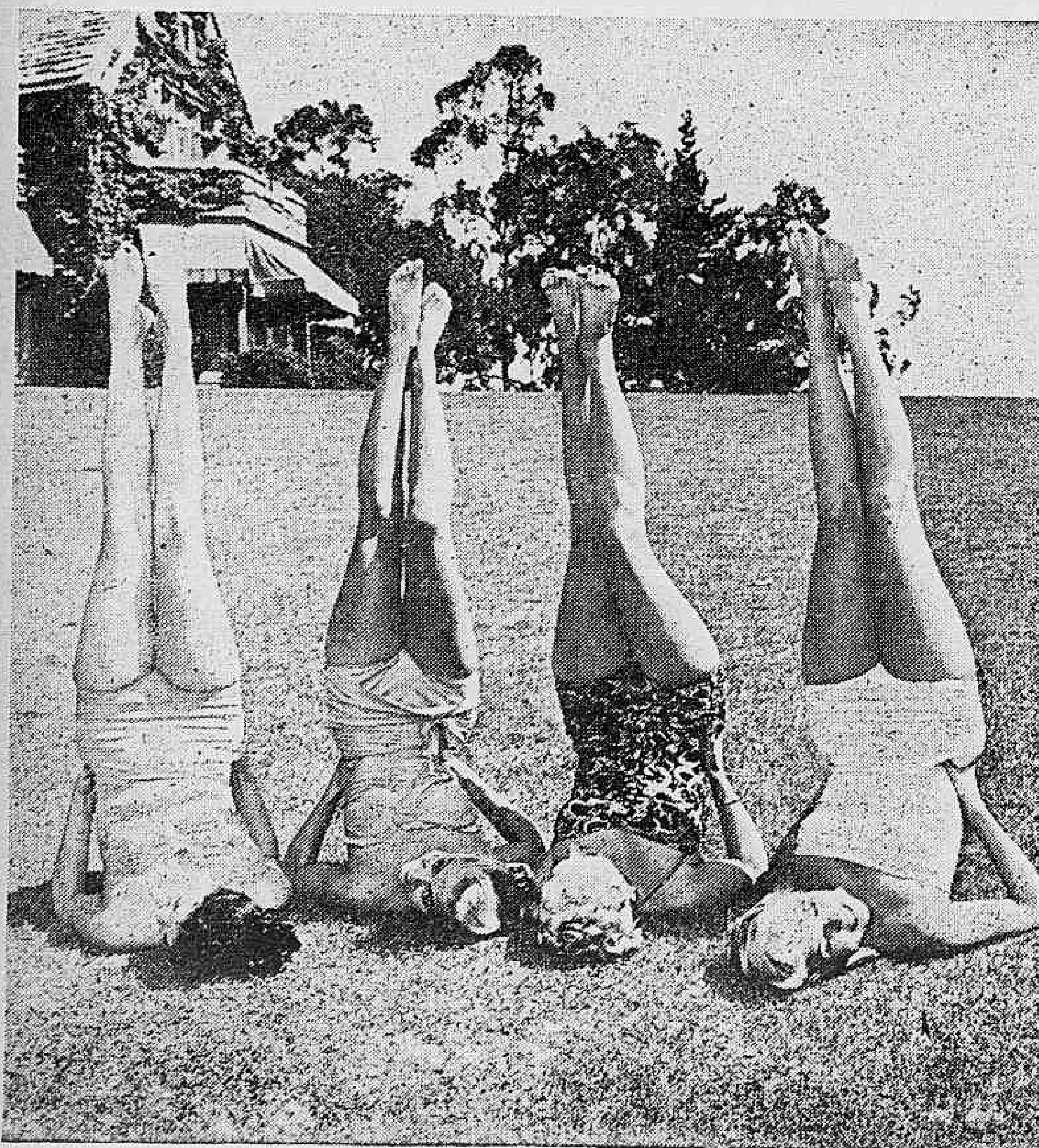
E' com justo pesar que damos a notícia do falecimento de L. S. Marinho, velho homem de imprensa desta Capital, que se especializou na crítica cinematográfica e gozou de merecida estima e respeito pelo seu valor e pelos altos padrões de sua atuação profissional. Redigindo a seção especializada do "Correio da Manhã", ainda no início de sua carreira, colaborou também em várias revistas e diários desta Capital, tornando-se mais tarde secretário de A CENA. Nos Estados Unidos, onde permaneceu cêrca de oito anos, como correspondente da extinta "Cinearte", L. S. Marinho aprimorou os seus conhecimentos da arte cinematográfica, especializando-se também em publicidade, vindo mais tarde a exercer o cargo de diretor de publicidade da "Republic Pictures" no Rio de Janeiro. Escreveu um livro que alcançou muito sucesso: "Hollywood, cidade da mentira". A crítica cinematográfica, em geral, sente-se enlutada com a perda, não só de uma pena brilhante, mas de um grande colega e um bom amigo.

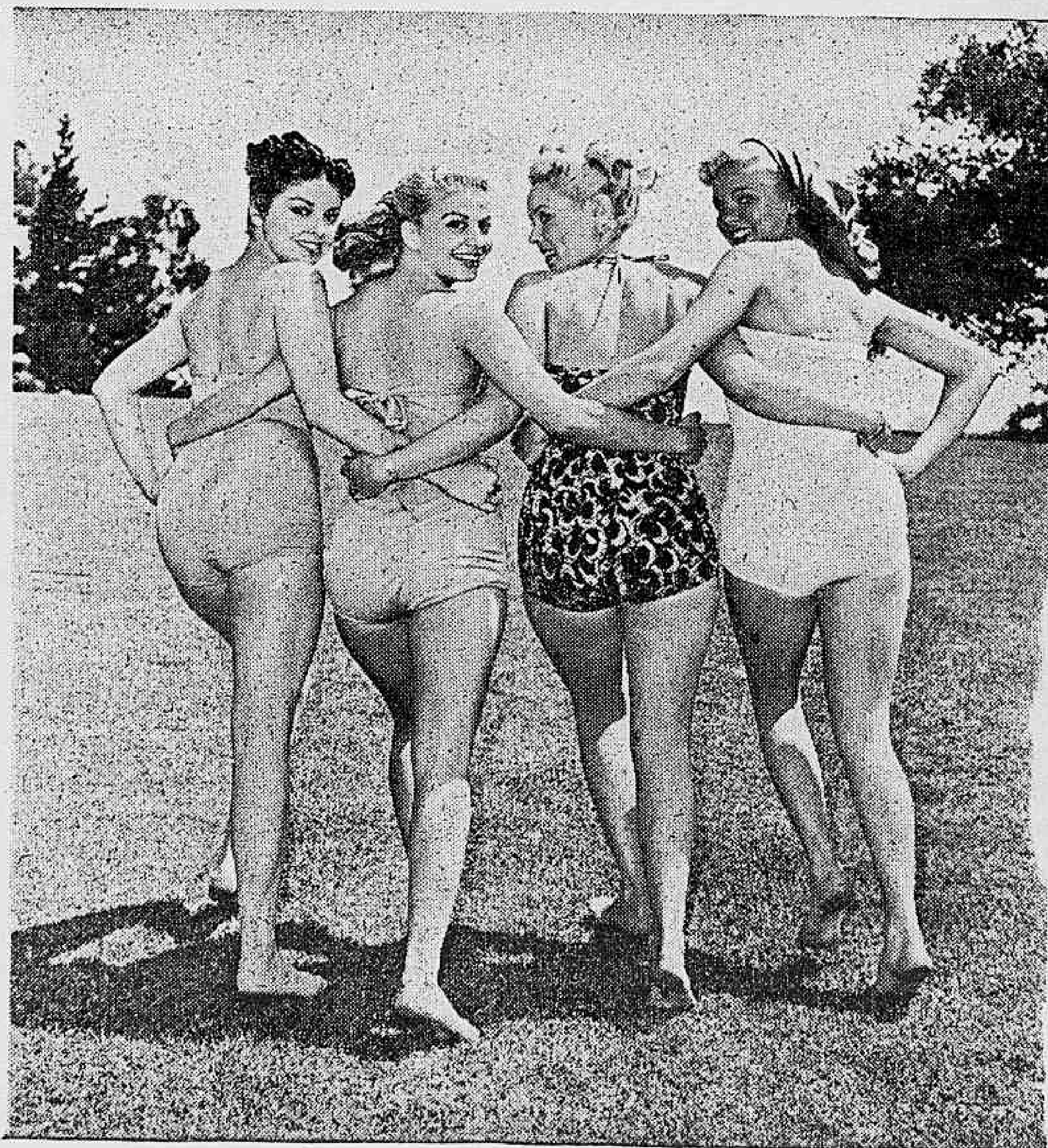
leon eliachar



PERNAS - PASSAPORTE PARA A GLORIA!

ANTES mesmo que utilize a cabeça, Hollywood costuma utilizar as per nas — das estrêlas. Porque,, indiscutivelmente, as pernas são o veículo mais fácil que pode conduzir uma pequena ao estrelato. Citar exem plos, seria desperdício de tempo e espaço, com afirmações que já são do conhecimento de todos os fãs, dêsses fãs apreciadores da «pausa para meditação» desta revista. Contudo, nunca é demais uma «avant-premiére» dessas lindas e esbeltas jovens, cujo passaporte para a fama os fotógrafos fazem absoluta questão de deixarem a descoberto, para o «viso» final.`Nos clichés, vemos algumas das beldades que aparecerão no filme da Warner, «Chá para Dois» (No, No Nanete): Camille Williams, Lonnie Piarce, Ann Zika e Claire Dennis. Com um «passaporte» dêsses, até nós iriamos à lua...







Um encontro inesquecível: Cantinflas fala A CENA. E jámais esquecerá êsse dia.

CANTINFLAS, O MILIONÁRIO

COMEÇOU SUA CARREIRA NO CIRCO ★ COM 38 ANOS, TORNOU-SE O ATOR MAIS POPULAR DO MÉXICO ★ JÁ FILMOU 12 PELÍCULAS ★ VIAGENS PELA AMÉRICA EM SEU AVIÃO PARTICULAR ★ MÁRIO MORENO TAMBÉM É TOUREIRO ★ INTERCÂMBIO ★ CONTRATO ASSINADO COM A MARISTELA PARA FAZER UM FILME NO BRASIL.

Reportagem de **leon eliachar** — Fotos de **nodgi**

CANTINFLAS chegou ao Rio no dia 26 do mês passado. Viagem de passeio. Veio pilotando seu avião particular. O homem é tão popular que é, indiscutivelmente, o nome de maior bilheteria em tôda a América Latina e, graças a isso, ganhou mais dinheiro do que qualquer outro artista de língua espanhola. Seu pai orgulha-se tanto dêle que mandou imprimir uns cartões de visitas singulares: «Pedro Moreno, pai de Continflas». Nasceu na cidade do México, no dia 12 de Agosto de 1911. Veio ao mundo no distrito de Tacuba, considerado o mais antigo e o mais pobre da capital mexicana. Filho de gente de circo, iniciou a sua carreira artística num circo que se levantava na Praça Garibaldi, há muitos anos. Dêsse circo sairam muitos bons comediantes mexicanos. Compunha a sua assistência o povo mais exigente e mais franco dêste mundo: operários, camponeses, soldados, índios e mestiços. O caso é que Mário Moreno conquistou logo o público com sua extrema simpatia. Certa noite, em 1934, durante um momento de silêncio no espetáculo em que Mário atuava, um garoto do poleiro gritou-lhe: «Cantinflas! Cantinflas!» O nome não significa coisa alguma, mas a audiência o recebeu com aplausos. E Mário Moreno não teve dúvidas. Adotou-o logo e até hoje é Cantinflas para todo o mundo.

Sua idumentária é sempre a mesma, tanto no cinema como no teatro, não importa o papel que êle tenha de representar: toureiro, vagabundo, milionário, polícia... ou «super-sábio». Sempre com as calças caindo, presas por uma corda ao sul da cintura. E sempre com um bigodinho «a la azteca». A propósito, lembramo-nos que Harold Lloyd, talvez o único cômico americano que sonhou chegar ao mesmo plano de popularidade de Carlitos, também usou um bigodinho assim. Isso foi lá por 1917, na comédia «Just Nuts». Mas embora a comédia fôsse um sucesso, Harold descartou-se logo de tal adorno capilar.

Aonde teria Cantinflas ido buscar a sua estranha maneira de vestir-se? Talvez dos índios e mestiços paupérrimos de seu bairro natal. Pois em tôda a sua obra vemos refletida a pobreza dessa gente. De qualquer forma é notável que Cantinflas nunca abusa da idumentária para fazer rir. O riso que provoca flui de sua inconfundível maneira de falar, do jeito do seu corpo, de sua mímica expressiva... e de sua simplicidade!

Como dissemos acima, Cantinflas é hoje um dos atores mais ricos de tôda a América Latina. Artista exclusivo da Posa Filmes, é também o seu maior acionista e o seu Vice-Presidente.

Orgulha-se, muito justamente, de ser o mem-



CANTINFLAS, O MILIONÁRIO

bro Nº 1 do Sindicato da Indústria Cinematográfica do México.

★

Há duas correntes que dividem suas opiniões a respeito de Cantinflas: os que o acham simplesmente genial e os que o acham simplesmente detestável. Da primeira corrente há mesmo os que o comparam a Carlitos. Nós não vamos tão longe. Tampouco lhe negamos o valor que indiscutìvelmente possui. Apesar de ter feito cêrca de 12 películas, não chegamos a ver nem cinco de tôda a sua produção. Dessas, confessamos, não gostamos de nenhuma, embora o talento de Cantinflas, como ator, salve os seus filmes da mediocridade. E' sabido que Cantinflas é responsável, de uma forma geral, em todo o conteúdo de seus filmes, exercendo sob certo aspecto, influência sôbre o próprio diretor de suas fitas, Manuel Delgado. Contudo, é inegável, Cantinflas criou um tipo: talvez grotesco, talvez cômico, mas tão humano quanto a figura de Carlitos criada por Chaplin. — sem levar nisso qualquer intuito de comparação, no que concerne a qualidade do tipo, ao humanismo poético que é impregnado na figura do genial criador de «Luzes da Cidade». Bem, mas isso é outra história, e não cabe aqui, numa simples reportagem, um estudo comparativo, um ensaio sôbre a personalidade do tipo de Cantinflas. Interessa-nos mais de perto, a personalidade do ator na vida real que é simplesmente Mário Moreno:

★

A primeira impressão que se tem de Mário Moreno é a de um homem simples, amável, simpático, de poucas palavras. Dificilmente se faz uma ligação imediata de sua personalidade com o tipo que criou. Fala pouco, é sóbrio nos gestos, e quase nada tem da mímica que usa e abusa na tela. Sua fisionomia é serena, raramente muda a expressão do rosto, com o exagêro que caracteriza o tipo da tela. Contudo, aos poucos, Mário Moreno vai se integrando na personalidade de Cantinflas. Realmente, êle trás dentro de si alguma coisa daquêle indivíduo simples e comum, de bom coração, que estamos acostumados a ver em seus filmes. Nos momentos mais difíceis, apela para o recurso do palavreado confuso, com frases quase inteiramente formadas de advérbios. Com êsse toque cômico, Mário Moreno, com o propósito de fazer rir ou por mera conveniência, foge ao compromisso de responder às perguntas que não lhe convém. Tal foi o caso, quando lhe perguntamos se era casado. Respondeu:

— «Sim e não... Sim quer dizer mais ou menos que sim e que não... Você me entende... Creia, aí está a questão... E' como lhe digo: você vai por uma rua e, de repente, a carteira!... Justamente... Todavia, não parece... e quando menos se espera... Aí está!»

Mas não há de ser nada, porque Mário Moreno é realmente uma grande praça. Durante um coquetel oferecido aos jornalistas, alguém lhe dissé que ouvira dizer que êle tinha um filho. Cantinflas não se abalou:

— E' possível... Todavia, não sei por onde anda a mulher...

Acontece, por outro lado, que Mário Moreno também sabe conversar a sério. Embora não muito explícito, ou, melhor, embora não entre em detalhes, fazendo questão de resumir ao mais simples as suas frases, êle responde com relativa sinceridade ou — quem sabe? — talvez farto de ouvir tantas vêzes e em tantos lugares as mesmas perguntas. E nós também não deixamos de fazê-las, justamente para atender nossos leitores. Vejamos o que disse sôbre os diretores do cinema:

— Meu diretor favorito é Mário Delgado, que é, aliás, quem dirige tôdas minhas películas.

— Gostaria de dirigir algum dia?

— Sim. Mas, desde já lhe possa dizer que interfiro em grande parte na direção de meus filmes. Eu e Delgado trabalhamos de comum acôrdo.

— Quais seus diretores prediletos?

— Vários dêles.

— Poderia citar alguns?

— Isso levaria muito tempo.

— Gostaria de interpretar um personagem dramático?

— Não. Sinto-me melhor no gênero cômico. Ademais, criei um tipo que se tornou popular e pretendo mantê-lo sempre vivo.

— Nunca teve vontade de escrever um argumento para o cinema?

— Sim, várias vêzes. Mas só agora o porei em prática. Já tenho um argumento pronto, em tom de sátira aos filmes de gangsters e logo que chegue ao México será iniciada a filmagem.

— Quando pretende regressar?

— Nunca se sabe ao certo, amigo. Sempre aparecem novidades pelo caminho.

— Qual a estrêla mais bonita do cinema, em sua opinião?

— Tôdas.

— Uma de cada vez, não é isso?

— Justamente.

— Que acha do cinema brasileiro?

— Tem muitas possibilidades. «Caiçára» e «Terra é Sempre Terra» fizeram figura no Festival de Punta Del Este. Foi uma surprêsa para todos. Já não é mais uma novidade, mas simplesmente uma realidade. O que vi em São Paulo visitando os estúdios da Vera Cruz e Maristela me entusiasmou bastante.

— Recebeu alguma proposta para filmar aqui no Brasil?

— Sim, e já estou mesmo em negociações para êsse fim. Mas não há ainda nada de positivo.

Mário Moreno tinha razão. Apesar dos boatos que circulavam de que faria um filme na Vera Cruz, e que o mesmo seria em tecnicolor, o ator mexicano nada afirmara a respeito. Só no dia seguinte, quando almoçamos em sua companhia, no Copacabana Palace, foi que compreendemos que, realmente, a verdade era bem outra. Cantinflas estava em entendimento direto com os produtores da Maristela. De 11 horas da manhã às 4 horas da tarde, as conversações se prolongavam. Mário Civeli, diretor de produção da companhia paulista, fez a primeira pergunta:

— Cantinflas, você não gostaria de ganhar 1 milhão de cruzeiros para fazer um filme no Brasil?

Cantinflas não se deixou entusiasmar:

— Um milhão de cruzeiros? Para que? Para comprar outro avião?

De fato, Mário Moreno não estava necessitando de dinheiro. Tanto assim que recusara, por diversas vêzes, tentadoras propostas dos estúdios americanos, inclusive da Columbia e da R.K.O. Talvez seu interêsse estivesse ligado mais diretamente no intercâmbio entre o cinema brasileiro e o mexicano. Assim, o mercado brasileiro estaria aberto às produções mexicanas e vice-versa. E, como se sabe, Cantinflas é

(Cont na pág. 26)



Gostaria de filmar no Brasil?



Que acha das mulheres?



Tem muito dinheiro?



CANTINFLAS
Criação de um artista



MARIO MORENO
Também sabe se vestir



ENCONTRO COM O DESTINO

DAKAR... Enquanto o quadrimotor termina seus preparativos de saidá para Casablanca e Paris, Aubry., o comandante de bordo, avisa à sua aeromoça, Clara Magny, que dois passageiros suplementares vão viajar no avião, dois antigos companheiros seus de guerra que se vêem obrigados a regressar à França em consequência de um raid malogrado: uma aterrissagem brutal em excesso em uma praia africana que motivou a despedida dos dois de uma companhia aérea de carga que utilizava os seus serviços.

Ao longe, no meio da gente que enche a sala de espera do aeroporto, êles cumprimentam a jovem, que dissimula um ademã de surprêsa e intenta ocultar sua perturbação: màquinalmente consulta o manifesto de passageiros que acabam de entregar-lhe e ao qual acrescentaram dois nomes: Jacques Forestier e Paul Marcadour...

Jacques Forestier... Jacques... Claire fez que não reconhecera o rapaz quando o acolheu na carlinga, como aos demais passageiros. Cumpridas as suas funções de aeromoça, terminadas as diversas tarefas que acompanham as primeiras horas de vôo, dispõe por fim a pequena de algum tempo para evocar, para recordar coisas...

Recordações... Fazem já três anos que Forestier deixou-a sem siquer uma palavra de despedida e sòmente ao fim de oito dias venturosos. O piloto saia para a África, onde havia aceitado o posto que acabam de tirar-lhe. Imenso foi o desespero de Claire, pois a jovem, sincera e reta, amava pela primeira vez. Demasiado forte era o desencanto e tentou matar-se, mas o carinho com que a tratara Marcelle Marinier, aeromoça-chefe das linhas da Air-France, permitiu-lhe recobrar pouco a pouco seu equilíbrio e, graças a sua amiga, pôde achar uma colocação: comissária de bordo de um grande avião, um motivo novo de vida: seu trabalho, e eis que o passado que pensara apagado para sempre, de novo surgia ante ela.

A viagem está para terminar. Claire volta ao bar, onde vem Jacques reunir-se a ela, excusando-se por não havê-la reconhecido logo, com êste uniforme que tão bem lhe assenta. Forestier, de nada suspeitando, pensa que tudo vai recomeçar, como se se houvessem separado na véspera, ingenuamente se surpreende da frialdade e indiferença da moça. Chegados ao aeroporto de Orly, Claire sai a passeio com Aubry, depois de rechaçar as tentativas de Forestier, que desejava reacender as relações. O Comandante de bordo experimenta por sua aeromoça um sentimento maior que a amizade, tentando fazer-se entendido: mas a jovem, ainda transtornada depois de seu encontro com Jacques, ouve-o distraidamente, não parecendo prestar atenção sinão aos detalhes relacionados com Forestier, a quem espera não mais voltar a ver: todavia chega o dia seguinte.

O rapaz vem ao pequeno restaurante aonde, durante suas breves relações, iam fazer refeições. Dá-se perfeitamente conta de que a moça não deixou de amá-lo, e tenta reconquistá-la, mas Claire resiste desesperadamente. Teme reviver um passado que tanto lhe custou olvidar e que até já havia conseguido apagar de sua memória. O piloto não se dá por vencido: contra a sua vontade, reuniu-se a Claire em seu quarto, onde esta, esgotados todos os argumentos, anuncia-lhe que, agora, outro homem faz parte de sua existência. Nega-se Jacques a acreditar-lhe quando, repentinamente, sôa o telefone: é Aubry que, sem suspeitar, vem confirmar a sua afirmação.

Passam-se os dias e Forestier, cujas qualidades de piloto são inegáveis, conseguiu cursar os estudos de aperfeiçoamento, ao fim dos quais admitir-lhe-ão entre o pessoal de vôo da companhia. Ali encontrou-se com Aubry, designado para instrutor, que se mostra para com êle de uma inexoravel severidade. Jacques, ao pensar que, ciumento do passado de Claire, faz o quanto pode para que êle seja suspenso, acumula voluntariamente as faltas de pilotagem, quando, chegado o dia de vôo de qualificação, compreende seu equívoco ao anunciar-lhe Aubry que sai-

(Aux yeux du souvenir)

E L E N C O :

Claire Magny	**Michele Morgan**
Jacques Forestier ..	**Jean Marais**
Aubry	**Jean Chevrier**
Paul Marcadour ...	**Robert Murzeau**
Marcelle Marinier ..	**Colette Mars**
O passageiro	**Louvigny**
René Simon	**Êle mesmo**

Cenário de Henri Jeanson e Georges Neveux. — Produção Les Films Gibé — Distribuição Art Films — Direção de Jean Delannoy.

ra aprovado, explicando-lhe que ..ta severidade não tinha outro objetivo que obrigá-lo a dispender tôdas as suas qualidades, que não são poucas. Confuso, Jacques se excusa por sua atitude que qualifica de ridícula, ao mesmo tempo que faz saber a Aubry, que o ignorava, as suas antigas relações com Claire.

Correm os meses. Claire Magny expressa a Marcelle Marinier sua surprêsa de que já não mais a designam para o avião de Aubry, inteirando-se de que foi o próprio Comandante quem havia pedido que a jovem não formasse mais como parte de sua equipagem. Suspeitando de que se trata de um equivoco, Claire intenta dissipá-lo. Desgraçadamente Aubry saiu para o Rio de Janeiro, em busca de obter troca de serviço, e não mais voltará à França. Ansiosa de trocar com êle francas explicações, solicita Claire que a designem para sair no dia seguinte para a América do Sul. Marcelle Marinier encolhe os ombros: marcará a viagem, já que assim o deseja a moça, mas antes quer preveni-la de que, quem pilotará o avião é Jacques Forestier.

Em Dakar, onde o aparelho, com destino ao Rio muda de tripulação, Aubry substitui a Forestier, e êste último, aproveitando a promiscuidade que lhe impõe o pessoal navegante da companhia aérea no bangalô de Termes-Sud onde se abrigam, tenta uma vez mais defender sua causa perante Claire, mas esta apara em sêco todos os seus argumentos: depois de uma entrevista com Aubry, decidiu casar com êle.

Protesta Jacques: impedir-lhe-á de cometer tal loucura, convencido que está de que ela não ama Aubry. Nesse casamento não procura outra coisa senão um refúgio para melhor esconder-se dêle, Jacques. No correr da conversa e sem revelar-lhe de que se trata dêle, confessa a moça que, faz tempo, estêve apaixonadamente enamorada de um homem, chegando a querer-se matar por êle. De tal aventura não conservou senão uma ridícula impressão; por isso, o que procura em Aubry é um carinho profundo e sincero, isento das tormentas da paixão.

Chegando ao Rio, Claire e Aubry decidem passar uma noite em uma «boite», para festejar o noivado. E acabam de celar quando, por sua vez, se apresenta Jacques. Por desgraça bebeu muito, mas se compraz em exagerar sua embriaguez para envilecer-se ainda mais diante da que ama, sendo essa sua maneira de sofrer; pede a Claire que se acalme, pois jamais ouvirá falar dêle. Fastidiada, e ligeiramente aborrecida, a jovem se afasta enquanto êle se despede.

Não obstante, de volta ao hotel, recordando o tom desgarrador da sua voz, teme que, em legítima troca de destino, por sua vez tente suicidar-se. Não conseguindo a comunicação telefônica, decide dirigir-se ao quarto de Jacques. Êste não se havia suicidado: esperava-a, certo de que ela viria... E sua inquietude constitui uma nova prova de amor. Esgotados os nervos, Claire tenta ainda defender-se, mas sem fôrças para mentir, acaba por confessar que fôra por êle, Jacques, que tinha tentado matar-se da outra vez... Esta é a razão pela qual, dagora em diante, nada pode subsistir entre ambos: sim, ela quis desaparecer, mas, na realidade, o golpe foi direto para êle. Agora não pode, já, ocupar qualquer lugar em sua existência.

O avião está de saida do Rio de Janeiro. Desde o inicio se anuncia dificil o cruzar do Atlântico. Foi preciso esperar que a tempestade passasse para que Claire pudesse iniciar a tradicional cerimônia da travessia da linha do equador Enquanto isso Jacques vai almoçar ràpidamente. Quando iniciava apenas, ouve-se um agudo silvo: o motor nº 4 está em excesso de velocidade. No posto de pilotagem, que retomou ràpidamente, Forestier ordena ao co-piloto que ponha a hélice em bandeira: mas a manobra resulta inoperante: ascende-se a lampada vermelha de perigo enquanto que os homens tudo fazem para evitar o incêndio. Os passageiros manifestam inquietude, embora Claire tente em vão diverti-los prosseguindo na cerimônio de batismo. Por sua vez incendeia-se o motor nº 3. E fica definitivamente fora de serviço. A tripulação consegue apagar o incêndio, mas o avião perdera altura, achando-se sòmente a 60 metros do mar. Bruscamente arrancada de seu eixo, a

(Cont. na pág. 26)





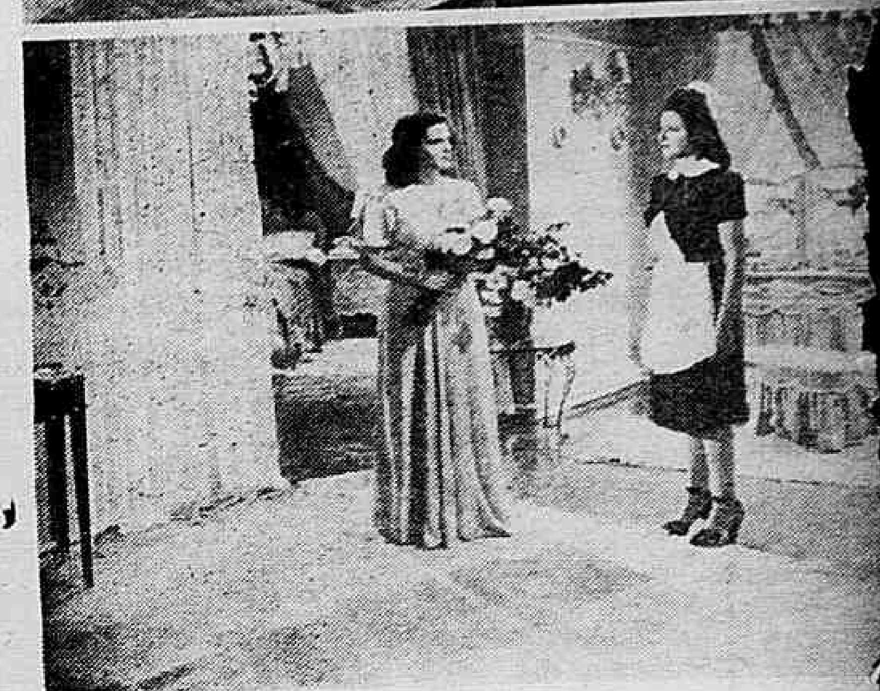




"FADO, HISTORIA D'UMA CANTADEIRA"







JÚLIO, oficial na marcenaria do velho Damião é o mais exímio e estimado tocador de guitarra do bairro de Alfama, seus admiradores são a totalidade dos que o conhecem. Habita com mãe Rosa, vendeira de frutas na velha praça da Figueira, tem além de sua guitarra duas afeições que lhe representam tudo no mundo, são pedaços de sua própria alma romântica: Luisinha, uma pequenita que a bondosa mãe Rosa recolheu como filha estimada e Ana Maria, que mora do outro lado da rua com uma pobre engomadeira de nome Senhora Augusta. Ana Maria é uma jovem alta, linda, alegre, de espírito romântico e aventureiro, seus olhos sonham com novos mundos, amores arrebatadores, luxo, prazer, palácios, jóias, vestidos ricos. Sonha Ana Maria como sonham tôdas as donzelas que sabem ser belas. Ana Maria possui excelente voz. Próximo da oficina do velho Damião fica a taberna do Joaquim Marujo. E' um típico lugar português onde se toca a guitarra e bebe-se do bom vinho, descansando-se da faina diária. Entre seus freqüentadores assíduos está Chico Fadista, um típico empresário de retiros fadistas e Peixe Espada, rufião mal intencionado, desconfiado, farçante e traiçoeiro, que, não perdoa ao jovial Júlio o fato de Ana Maria ter desdenhado o seu amor pelo jovem fadista. Não fosse a interferência assídua dos amigos os dois homens já teriam armado uma tragédia pela mulher que ambos amam. Uma noite, Ana Maria canta pela primeira vez em público no retiro «Os Unidos de Alfama», os lindos e sentidos fados que Júlio paciente e devotadamente lhe ensiou. Tem na sua voz um sabor diferente que encanta e atrae. Obteve ela grande sucesso pela sua voz magnífica, sua graça, sua beleza e sua mocidade radiante. E deslumbrada com as miragens de glória e riqueza que Chico Fadista lhe sugere sorrateiramente, assina com êste um contrato a fim de seguir a carreira de cantadeira profissional. Chico Fadista está radiante. Júlio aceita mal o fato. Sem mesmo consultar a Júlio aceita depois, outro contrato que lhe oferece outro empresário, pois já está famosa e disputada. Êste novo empresário é Souza Morais, para apresentá-la no seu teatro. Era para Ana Maria a vitória e o fim da miséria. Ana Maria e Júlio discutem, por isso, acaloradamente. Luisinha tenta intervir em favor de Júlio. Ana Maria espulsa-a e a pequenita ao atravessar a rua é vítima de um desastre do que escapa, ficando, porém, paralítica para sempre. E' então, que, os prprios Júlio, Luisinha e Damião que convencem Ana Maria a cumprir o contrato com Souza Morais, na intenção de a furtar ao desgosto que todos temem venha a ser fatal, porque Luisinha peiora dia a dia, prenunciando que aquela casa ficará privada da irradiação da alegria daquela pequenita querida de todos e que fôra tão infeliz.

O afastamento de Ana Maria, daquêle convívio, vai aumentando sempre e culmina quando ela decide instalar-se numa luxuosa moradia que o emprezário Souza Morais lhe oferece, ricamente mobilada, o que lhe representava parte das conquistas com que sonhara. Entretanto, roida de saudades e sofrendo muito n'alma, Luisinha definha ràpidamente. Até que uma noite o médico lhe lavra a sentença de morte. Aflita, em desespero, Mãe Rosa, envia Lingrinhas, aprendiz de carpintaria na oficina do velho Damião, em busca de Júlio e Ana Maria. Encontrado Júlio à saida do teatro, corre ávido para Alfama, abandonando a obrigação que tinha de acompanhar à guitarra, Ana Maria, em uma audição na embaixada. O Ligrinhas vai a procura de Ana Maria. Encontra-a naquele palácio. Procura entrar no que é impedido pelos porteiros. Discute alto. Aparece então Souza

(Cont. na pág. 30)

História d'uma cantadeira

E L E N C O :

Ana Maria	Amália Rodrigues
Júlio	Virgílio Teixeira
Joaquim Marujo ...	Vasco Santana
Chico Fadista	Antônio Silva
Souza Morais	Tony D'Algy
Lingrinhas	Eugênio Salvador
Mãe Rosa	Emília Vilas
Pai Damião	José Victor
Senhora Augusta ..	Alda D'Aquiar
Luisinha	Nenita

Distribuição da Luso Filmes
Realização de Perdigão Quiroga





Rádio

ARMANDO MIGUEIS

SAGRAMOR DE SCUVERO, CONTINUA

CISMEI, como ouvinte de rádio, que a política roubar-nos-ia Sagramor de Scuvero, conhecido seu apêgo às causas que se propõe defender.

Por êsse motivo, logo nos primeiros instantes que a soube eleita vereadora, revoltei-me contra os que a sufragaram nas urnas, tão crente achava-me do seu desinterêsse futuro pelas coisas do microfone, a fim de entrozar-se melhor nas atividades político-partidárias.

Enganei-me, senhores!

Sagramor de Scuvero venceu tôda uma legislatura sem prejudicar o trabalho radiofónico. Seus programas não perderam, em nada, com a sua participação ativa nos empreendimentos da Câmara local. Aliás, a espôsa de Miguel Gustavo valeu-se dos mesmos para melhor servir ao mandato que lhe foi confiado, indo buscar na correspondência que os ouvintes lhe endereçam, problemas e iniciativas merecedores da atenção dos representantes do povo.

Agora, a criadora de "O mundo não vale seu lar" volta a ter assento na Gaiola de Ouro, em virtude da expressiva votação que recebeu a 3 de outubro. Não mais pertence, porém, à Rádio Globo. Está atuando ao microfone PRG-3 onde, além dos seus programas costumeiros, apresenta "Menina, moça e mulher". E' dêsse cartaz que desejo falar. Nêle, conquanto dedicado ao sexo frágil, há muito que aprender para os homens. E' que Sagramor conhece de sobra seu público, jamais se prendendo a esta ou aquela maneira. Procura, isto sim, agradar a essa enorme platéia invisível que, à frente do receptor, ouve tudo quanto lhe sai da imaginação.

"Menina, moça e mulher" robustece meu engano. A política não venceu a radialista, nem lhe arrefeceu a paixão pelos grandes empreendimentos radiofônicos. Distribuindo equilibradamente seu trabalho, Sagramor de Scuvero serve ao legislativo carioca, como serve ao "broadcasting" guanabarino. Em ambas as atividades, porém, ela revela completo tirocínio, evitando, assim, de ser absorvida por uma única.

CINCO NOTÍCIAS APENAS

Deram à Dalva de Oliveira um carro. Esqueceram, porém, de dar-lhe a carteira para dirigi-lo. Nessa altura, a "Rainha do Rádio" pisou o acelerador e saiu por aí... Mas, na rua Duvivier estava um guarda "carne de pescoço". Sem ligar para essa história de nobreza, êle conduziu dona Dalva ao distrito mais próximo onde, por sinal, havia um comissário que não gosta da música popular. Sua Majestade, então, recorreu a seu erário particular a fim de saldar a fiança que a lei estipula para certas infrações. ★ O juiz Cristóvão Breiner, com indisfarçável asco, leu, por dever de ofício, as catilinárias de Herivelto Martins contra Dalva de Oliveira. Homem conhecedor do Direito, não se deixou levar pelas revelações do compositor, nem cedeu ao sensacionalismo provocado pelas publicações em aprêço. Principalmente, quando soube da existência de dois meninos que, em dias futuros, serão homens. Daí, condenar Herivelto Martins por crime de difamação. ★ Almirante é, indiscutivelmente, um pesquisador meticuloso. Coisa alguma lhe escapa, desde que esteja ligado à nossa formação musical. Dêsse modo, não se tornou difícil ao criador de "Na Pavuna" a concatenação de material para o lançamento de "No tempo de Noel Rosa", através do qual desfilarão fatos e melodias referentes ao famoso

(Cont. na pág. seguinte)



DALVA DE OLIVEIRA
a «Rainha» estava sem carteira...

CONFISSÃO



JORGE MURAD
não quer ser tesourado pelos críticos

O Brasil inteirinho conhece Jorge Murad. Êle já varou todo o "hinterland" nacional, à caça de público para suas anedotas. Porém, seu ponto é na Cinelândia. Tôdas as tardes, quando os "brotos" começam a exibir aquela plástica que fâz os "balzaques" perderem a cabeça, lá se encontra Jorge Murad com seu característico sorriso.

Alguém, certa feita, considerou-o funcionário letra "O"... Outro, taxou-o de "bon viven". Jorge é, na realidade, um dêsses humoristas que não se deixam levar pelas piadas de sentido duplo. Daí, seu cartaz no sem-fio carioca. Ganhando relativamente bem, não se preocupa com a vida. Justamente, a propósito de seus honorários no "broadcasting" verde-e-amarelo, confessou-nos:

Quando o nosso rádio ainda engatinhava, a roupa masculina era composta de três peças principais: calça, palitó e colête. Um terno. E justamente o "cachet" que se ganhava na época, tinha guarida, confortàvelmente, numa das quatro cavas da minúscula peça, considerada o "espartilho" dos homens. E note-se que naquele tempo não se usava o têrmo: "manga de colête"...

Já nesse período, o grande Noel Rosa, compreendendo melhor a situação financeira da gente de rádio, lançava aos quatro ventos um "slogan", num samba, que o tornou famoso: "Com que roupa?"

Com o correr dos anos e abolida que foi a peça que aprisionava a gravata, os artistas puderam melhor "abrir o peito".

Os "hábitos" radiofônicos tiveram um progresso sensível e os "costumes" dos artistas se modificaram de tal forma, "sobretudo" concernente às modas americanas esportivas, de algibeiras amplas, que o nosso "mil réis", transformado no devido tempo em cruzeiro, teve uma "tiragem" muito maior do que a própria revista que leva o nome da nossa moeda, aboletando-se, sem-cerimônia, em todos os bolsos dos variados trajes — de

(Cont. na pág. seguinte)

FORA DA ONDA

NÃO SEJAMOS PORNOGRAFICOS... — Edu, escrevendo no "Correio Paulistano" sôbre a campanha de moralização concorda que:

Realmente, a pornografia pelo rádio merece destaque especial, merece providências mais rápidas, mais enérgicas, por ser a mais perniciosa. E' fácil reprimir excessos em publicações; é fácil circunscrever os efeitos de teatros imorais, vedando-se a entrada de menores, etc. Mas, já quando no ar, não há quem possa impedir as conseqüências de uma atividade quase criminosa de alguns pseudos humoristas, de programadores que, na falta de recursos, servem-se da imoralidade para agradar a meia dúzia de freqüentadores de auditório. O pai de família não pode prever que, no recesso do lar, ao lado dos filhos, possa, de repente, ouvir, pelo rádio, uma dessas piadas já muito comuns em algumas emissoras.

A campanha de moralização deve principiar pelo rádio e se conseguir reduzir a licenciosidade radiofônica, que já é um caso da Polícia de Costumes, terá prestado um grande serviço.

PRIMEIROS PASSOS DE GENOLINO AMADO — César Ladeira, quando cronista social do "Diário de São Paulo", teve em Genolino Amado um dos mais brilhantes colegas de redação. Por isso, quando chamado a escrever "Rádio-Pickles", crônica diária que a Record apresentava na voz do próprio César, seu primeiro cuidado foi levar Genolino para a PRB-9. Tal desejo culminou, como era de esperar, com a entrega de "Rádio-Pickles" ao escritor de "Inocentes do Leblon".

Do "broadcasting" paulista, ainda trazido por César Ladeira, Genolino veio a ingressar no quadro de produtores da Mayrink Veiga, onde passou a escrever a "Crônica da Cidade Maravilhosa", além do famoso programa "Biblioteca do Ar".

Hoje, o escritor patrício integrou-se no rádio. Produtor da Rádio Nacional, são de sua autoria: "Ouvindo e Aprendendo", "Ciranda da Vida", "Pobre do Policarpo" e "Crônica da Cidade".

Os GRANDES PAPÉIS DE NÉLIO — Autobiografando-se, Nélio Pinheiro citou, como papéis de maior sucesso por êle vividos ao microfone, os seguintes: André, da novela "O homem que perdeu a alma"; Osvaldo, de "Somos dois e valemos o mundo", novela de Mário Brasini; Marinho, de "O amor que não era meu", de Gilberto Marinho.

ROBERTO MENDES RADIOFONIZADOR DO SOFRIMENTO ALHEIO

CENTENAS DE CARTAS ESTAMPANDO A DOR DOS INFELIZES

NUMA saleta nua de quadros, trabalha Roberto Mendes. À primeira vista, quem bate à sua porta, tem a impressão de achar-se à frente de um despreocupado. E' que, embora absorvido pelos inúmeros casos que se espalham sôbre a sua mesa de trabalho, Roberto Mendes vive eternamente pilheriando. Nada de êste mundo rouba-lhe o sorriso característico. Nem a própria incompreensão de alguns cavalheiros importantes consegue arrefecer-lhe o ânimo. Êle, manhã cedo, está brincando com o teclado da enferrujada máquina, a fim de que os sintonizadores da Mayrink Veiga, às vinte horas e quinze minutos, possam ter o cotidiano "Pausa para Meditação".

Como todo elemento radicado no semfio guanabarino, Roberto Mendes possui uma história. História que teve seu comêço num velhíssimo prédio da rua do Mercado onde, por medida de economia, o sr. Nelson Dantas deixou ficar a Rádio Transmissora Brasileira. Isto aconteceu no apagar das luzes de 1939, quando as emissoras cariocas lutavam para apresentar alguma coisa que impressionasse o radiouvinte. Roberto Mendes, acreditando-se um grande "radio-man", organizou um programa a que intitulou de "Carioca".

Textos comerciais...

Músicas em gravação...

Conversa macia para conquistar público.

Mais tarde, já familiarizado com o microfone, ei-lo transformado em radiator, interpretando "sketchs" e cortinas. Êsse princípio valeu-lhe para, mais tarde, ingressar na Tamoio, onde veio a tomar parte nos espetáculos de teatrocego. Nesse prefixo, por sinal, êle continuaria, não fôsse um certo golpe que tentaram aplicar contra o programa a que devotava a melhor das atenções.

Aborrecido com os "maiorais" da Tamoio, Roberto Mendes parou na Mayrink Veiga, sua presente emissora. Aí, apesar dos prós e contras, lançou "Pausa para Meditação", fato que motivou protesto judicial da PRB-7. Êle, porém, não ligou para a história. Continuou firme e atendendo a quantos carecem de um conselho amigo.

Hoje, "Pausa para meditação" tornou-se de utilidade pública, tamanhos os serviços prestados à coletividade. Sua correspondência é impressionante, conforme pode atestar o carteiro. Basta dizer que já atingiu a média de trezentas cartas por dia.

Quando indagamos a Roberto Mendes, qual o caso mais impressionante que já radiofonizou, êle explicou-nos:

— Faltaria espaço para mencionar todos os casos dolorosos radiofonizados em "Pausa para Meditação". Citarei, entretanto um: o de Nair Viana Café, vítima, durante a última guerra, do torpedeamento do navio brasileiro Afonso Pena. Desta apresentação, reprisada, a pedidos dos ouvintes, partiu a vitoriosa campanha do ilustre deputado Rui Almeida em prol de conseguir do govêrno a importância necessária para o tratamento de Nair, nos Estados Unidos da América do Norte. E, embora muita gente queira reservar para si a glória conquistada em tão nobre peleja, podemos garantir que ela nos pertence, pois o próprio parlamentar petebista declarou, ao microfone PRA-9, que fazia questão de que o seu projeto, apresentado à Câmara, recebesse o nome de Rádio Mayrink Veiga. Logo...

Roberto Mendes, que debutou no rádio como locutor, é, nos dias presentes, radioautor. Êle acha que existe mais arte, mais vida, mais campo, para quem como êle, gosta de representar e escrever.



ROBERTO MENDES
trezentas cartas por dia.

CONFISSÃO

passeio, "smocking", casaca, "frack", "summer", etc. — dando "capote" nos proventos de outras profissões rendosas.

Como exemplo, temos o "fato" do Luís Gonzaga, que abriu a primeira conta no banco como "alfaiate do primeiro ano" e hoje, mais gordo, "enche as medidas" perfeitamente.

Há um ditado que diz "pela roupa se conhece o homem" e, tão certo, que já existe muitos "teatros de bôlso" ganhando dinheiro. E até mesmo o humorista que "alinhavou" estas "linhas", aos poucos, vai abandonando as roupas de "meia-confecção" para o traje "sob-medida", e faz aqui um "ponto" antes que os críticos lhe metam a "tesoura" e os amigos a "facada".

CINCO NOTÍCIAS APENAS

compositor da Vila. ★ O rádio, nestes últimos tempos, colocou-se a serviço das causas de benemerência. Procurando colaborar com os poderes públicos nas obras de assistência social, êle utiliza todos os recursos de que dispõe para melhor servir. Agora mesmo, quando a campanha contra o câncer atinge seu ponto culminante, eis que a Rádio Tamoio lança "Encontro com a morte", novela de Luís Quirino focalizando o drama vivido pelo dr. Napoleão Laureano. ★ Paulo Maurício viveu, no cinema, a figura de Castro Alves. Mais tarde, passou-se para o rádio, onde interpreta os mais variados tipos. Agora, porém, talvez influenciado pelo papel vivido em "Vendaval Maravilhoso", Paulo Maurício passou a escrever novelas. A Rádio Globo, por exemplo, está apresentando, de sua autoria, "Minha vida pela tua".

XVI

PEDRO LIMA

SEU verdadeiro nome é Pedro Mallet de Lima, mas assina sempre Pedro Lima. Nasceu no Rio, Distrito Federal, Brasil, em um dia 20 de setembro. Tem boa estatura e bom pêso: moreno, cabelos grisalhos.

E' casado. Reside na Quinta da Boa-Vista, em São Cristóvão.

Começou sua vida cinematográfica em 1910: no cinema Pátria, do Largo da Cancela (hoje Cine S. Cristóvão, de propriedade do truste Severiano Ribeiro), primeiro prédio construido exclusivamente para exibir filmes no Rio, travou conhecimentos com Álvaro Rocha (o A. R. de "Cinearte") e mais tarde com Paulo Wanderley, Antônio Leal e Ademar Gonzaga (seu colega do Colégio Pio-Americano) formando o grupo de fãs que continuaria no cinema até hoje. O grupo, mais tarde, foi acrescido da figura de L. S. Marinho: êsse grupo foi o dos primeiros fãs a receber autógrafos de artistas estrangeiros, inclusive alguns com dedicatória especial. O cinema Pátria mudava programa três vêzes por semana e o ingresso custava 500 réis: a espôsa do proprietário, bonita e atenciosa, resolveu dar abatimento nos ingressos para a trinca, cobrando assinaturas mensais de 5 mil réis...

No velho Parisiense das cortinas de veludo verde Pedro Lima viu os grandes trabalhos como "O Jóquei da Morte", filmes de Waldemar Psilander, Asta Nielsen, Olaf Fons e outros. O Rio cinematográfico foi crescendo com Pedro Lima: nasceram os cinemas Odeon (antigo, na esquina da rua Sete com Avenida), Palais e o velho Pathé da Av. Rio Branco, com um galo de ouro na sala de espera. Pedro Lima recorda com saudade as exibições no Passeio Público, o Parque de Diversões (onde é hoje o Eldorado, recentemente incendiado) e estréias da Universal-Jewell no Palácio como "Espôsas Ingênuas"; "Civilização", de Th. Ince no Velho Fênix, que dizem ter sido teatro antes de cinema mas o homem-arquivo, Pery Ribas, vai esclarecer qualquer dia...

A época de fã foi longa: Pedro via os filmes nas cabines da Universal e da Triangle com o Leo Reissler e o Gonzaga: discutiam cinema sempre. Com Manoel Cravo e Vasco Abreu, os redatores de cinema da época, Pedro Lima aprendia a criticar.

Depois dos jornais colegiais "O Sol", "O Dia", "A Noite" e outros, a mania de cronista ficou no sangue.

Começou Pedro Lima colaborando nas seções de cinema de "A Noite", "Correio da Manhã", "A Lanterna", "Rio-Jornal" e outros, em 1916 e 1917. Ficava todo satisfeito quando saía publicado alguma coisa, o que dependia da boa-vontade de Manoel Cravo, de Frederico Barata, etc. A par com a vontade de ser cronista, nascia a vontade de colaborar no cinema de outro modo: atuando e escrevendo argumentos.

O seu primeiro roteiro, "Sonho Dourado", foi lido em 1919 pelo ator português Antônio Silva, que o enviou a Luis de Barros (naquele tempo já diretor veterano!) para que o aproveitasse. Llulu convidou Pedro para atuar em "A Jóia Maldita", filme terminado em 1920 e inédito até hoje.

Pedro freqüentou muito os estúdios nacionais da época: Nacional, Guanabara, Omega. Conheceu Carmen Santos, que filmava "O Urutau", um dos poucos bons filmes brasileiros em cinqüenta anos.

Uma das preciosidades da coleção nacional filmica de Pedro Lima é um retrato autografado de Olimpio Guilherme chamando-o de "Pedro Álvares Cabral do Cinema Brasileiro"...

Possui também autógrafos de Lia Torá, Carmen Santos e o primeiro autógrafo de Carmen Miranda, sendo o maior colecionador de fotografias de filmes e artistas nacionais.

Colaborou nos seguintes jornais e revistas: "Palcos e Telas" (de 24 de março de 1918 a 25 de agôsto de 1921 — E Mário Nunes está sabendo disto pela primeira vez...); "Cinema", de 8 de agôsto de 1919 a 19 de novembro de 1919; "Cine-Revista", de dezembro de 1919 a janeiro de 1920; "Para Todos", de 1919 a 1926 (muitas das entrevistas de Antônio Rolando e várias colaborações); "A Fita", de maio a julho de 1921; "A Nação", primeira fase com Maurício de Lacerda e Leônidas de Rezende, 1923; "Seleta" e "Fon-Fon", de abril de 1924 a fevereiro de 1927; "Cinearte", de fevereiro de 1927 a abril de 1930; "Diário da Noite", de São Paulo, e "Gazeta de S. Paulo", de janeiro a maio de 1932; "Cine-Jornal", de novembro de 1932 a janeiro de 1933; "Vanguarda", de dezembro de 1932 a janeiro de 1934; revista "Fru-Fru", tendo feito a seção de cinema por algum tempo para atender ao seu diretor, cedendo o lugar a Gilberto Souto; colaborou ainda em "Boa-Noite", "Broadway", "Revista do Rádio" (a antiga, não confundir com a moderna), "A Cigarra", etc.

E' o critico de cinema oficial dos Diários Asociados (no Rio: "O Jornal", "Diário da Noite" e "O Cruzeiro", desde 31 de março de 1929 até hoje.

Em 1936 criou na Rádio Tupi a Cine-Sintese, espécie de televisão, pois era um programa cinematográfico com filmes musicados, exibidos e comentados, com uma câmara de projeção instalada nos estúdios. O programa alcançou sucesso, tendo durado dois ou três anos.

Pedro Lima foi o criador do Primeiro Congresso Nacional de Cinema, cujos resultados foram a isenção do filme-virgem e outros valiosos auxilios para o cinema nacional, pois do congresso é que pràticamente nasceram tôdas as leis de proteção à nossa indústria de filmes.

Apesar de suas criticas severas, é um grande entusiasta do cinema nacional, de que se considera fã e não nega nenhum apoio, mas se mostra intransigente pelas faltas decorrentes do desconhecimento da técnica dos improvisados realizadores.

Deve-se a Pedro Lima a campanha permanente pelo Cinema Nacional pelas colunas dos jornais e revistas. E' êle o criador do "slogan": *Todo Filme Brasileiro Deve Ser Visto,* hoje mantido por Pery Ribas, E. Bentes, Salvyano Cavalcânti de Paiva e outros.

Numa época dificil para o cinema brasileiro, quando fracassava um circuito nacional de exibidores, acarretando grande descrédito para a indústria, foi Pedro quem, apelando para Paulo Benedetti, resolveu realizar "Barro Humano". O filme não só criou uma nova fase para o cinema brasileiro, como resolveu aparentemente alguns problemas que entravavam a produção, de ordem técnica, moral e politica. Graças àquele filme foi fundada a Cinédia (então Cinearte Studio), justamente pelos realizadores de "Barro Humano": Pedro Lima, Paulo Wanderley, Ademar Gonzaga, Álvaro Rocha. Da desunião posterior dêsses elementos ficou paralizado, diz Pedro, o que poderia ter sido um passo definitivo para a liberdade do cinema brasileiro.

Além de cronista cinematográfico Pedro Lima dirige a seção cinematográfica do Gabinete de Cinema do Ministério da Agricultura, onde também realiza alguns curta-metragem. Dentre suas melhores produções citam-se a série "Além da Rondônia", "Erosões e Terraccamento", "Araxá" e o famoso "Nordeste", filme premiado no III Festival Mundial de Curta-Metragem realizado pelo Circulo de Estudos Cinematográficos, com a taça "Cavalcânti" ao melhor "short" sul-americano.

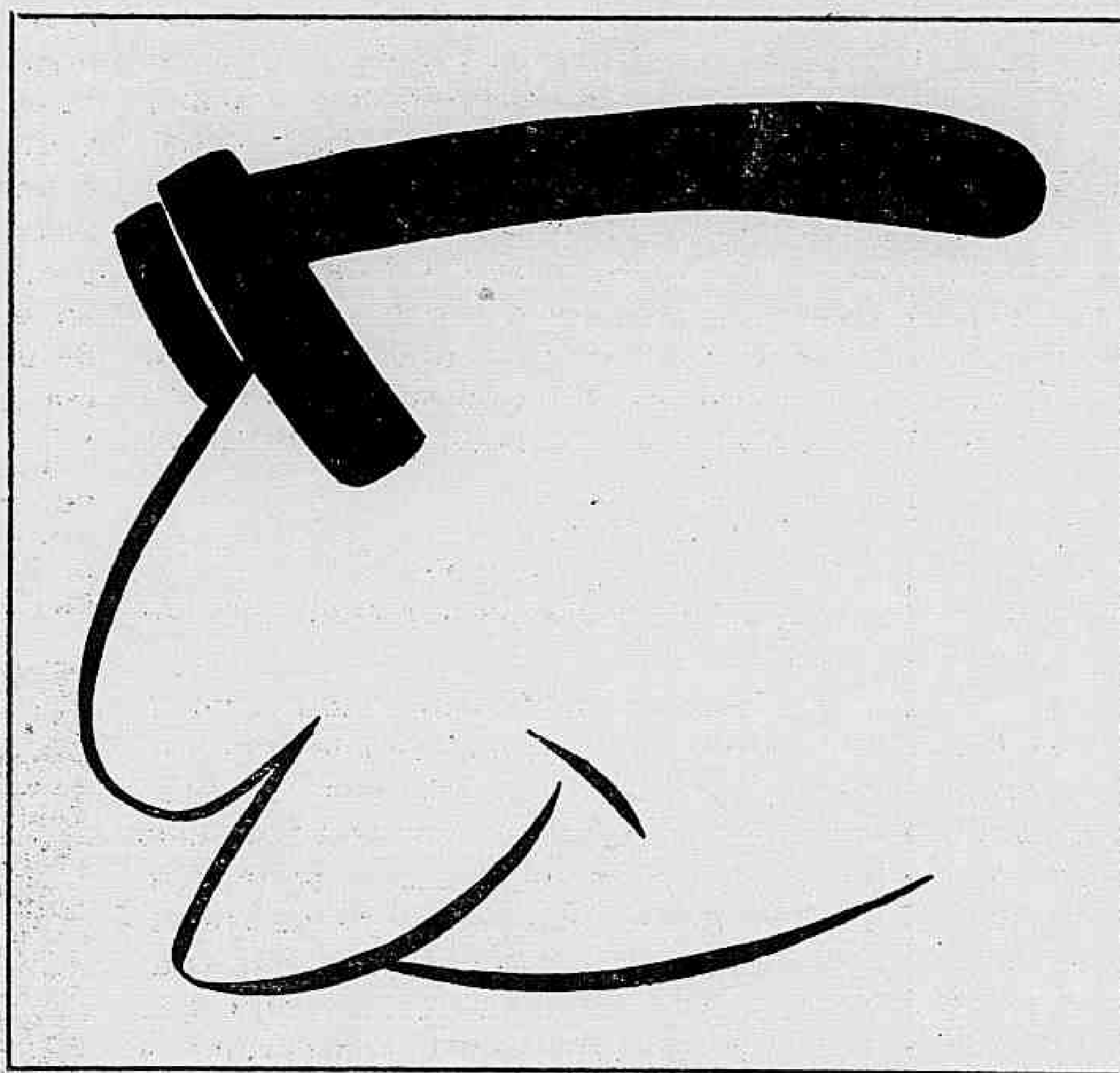
Pedro é fundador e foi o primeiro presidente da Associação Brasileiro de Cronistas Cinematográficos.

E' também fundador e diretor do Circulo de Estudos Cinematográficos.

Religião: Faze aos outros aquilo que queres que te façam.

Leitura preferida: politica internacional. Lê também a Biblia e o Assis Chateaubriand.

Acha que a bomba-atômica é "apenas uma arma poderosa, mas que as guerras não se decidem pelas armas e sim pelo grau de progresso e civilização daquele que acaba por absorver ao outro".



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

ANTOLOGIA

"Mas o maior mausoléu erguido em Hollywood é a sua indústria cinematográfica, túmulo de uma arte que ela corrompeu em nome do "Big Business", imprimindo uma orientação falsa, uma expressão irreal da vida, adulterando a estrutura técnica num catecismo de mentiras e de ilusões. Mas, antes que Hollywood tiranizasse os seus valores, David Wark Griffith esta-

(Cont. na pág. 24)

CANARINHO QUE NÃO É BELGA



DORME, FILHINHA, DO MEU CORAÇÃO...

NASCIMENTO, CRESCIMENTO, AMÔRES DE JUNE HAVER, MINHA NAMORADA DE UMA TARDE DE VERÃO ★ MUSICÔMANA DELICIOSA ★ A SIMPATIA EM PESSOA ★ E EU TAMBÉM...

Reportagem de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA



OH, BONECA LINDINHA, Ó MINHA BONEQUINHA LINDA!...

HÁ duas espécies de beleza: a natural e a artificial. Isso é axiomático. Aplicado o conceito à mulher, verificamos que a primeira espécie de beleza, mais rara, preciosa mesmo, consiste numa série de circunstâncias favoráveis que compõem e estabelecem o padrão ou tipo do que designamos, em cada nação ou continente, como "ideal", padrão êste submetido às condições históricas, aos costumes e à elevação cultural do grupo humano. E' claro que me refiro aqui apenas à beleza física; e mesmo eu duvido muito na existência de uma beleza moral... A beleza artificial é criada; a natural nasce com a mulher.

De princípio, sou contrário à existência livre das mulheres bonitas, das mulheres belas. Perfilo a opinião de Jack, o Estripador: tôdas as mulheres bonitas, de beleza *natural* ou *artificial*, gurias ou matronas, brotos ou balzaqueanas, devem ser destruídas sem piedade! E isso porque, ainda de acôrdo com as notáveis observações daquêle ilustre e inspirado assassino, as mulheres bonitas são a causa da infelicidade de milhões de rapazes neste mundo. A mulher é a tentação, o pecado, a perdição. A mulher bonita, principalmente. E em especial a mulher "artista". Vocês todos sabem perfeitamente que Eva foi a primeira artista do mundo: e levou o papai Adão na conversa... Jack, o Estripador estrangulava tôdas as atrizes de teatro que lhe caíam às mãos. Eu, se pudesse retalhar com picareta elétrica e navalha afiada tôdas as bailarinas, cantoras, atrizes dramáticas da tela, do palco, da televisão, e tôdas as demais donas bonitas do planêta, inclusive os modelos de pintura e escultura, as funcionárias públicas, as comerciárias, as bancárias e as que ficam em casa de papo p'ro ar esmaltando as unhinhas dos pés!...

Mas não há bem que sempre dure, nem mal que não se ature. No Brasil, embora haja uma superprodução de mulheres bonitas "naturais", em nossos setores artísticos elas escasseiam. No cinema e no teatro, por exemplo, quase tôdas são belas por artifício, por artes do demo... Como não há regra sem exceção, possuímos algumas exceçõesinhas muito mirradas que andam se desmilingüindo por aí com os respectivos

Chopin, mártir das crianças-prodígio...



Dueto entre o brôto e «the young man with a horn»...



Quando os olhos travessos riem...



A estrêla confraterniza com os técnicos: hora de trabalho.



chavecos... Tem umas fulanas danadas de bonitas que belas nasceram e belas permanecem enfrentando os temporais e as canículas graças aos bichinhos protetores da Pedra Preta, com licença do baiano Joãozinho...

Nos Estados Unidos, país da coca-cola, da goma-de-mascar e da cadeira elétrica, dizem, as mulheres são como as taboadas, isto é, paralelas de qualquer ângulo. *Of course*, há exceções, *of course, of course*... A louríssima June Haver, de quem era apenas fã e de quem sou agora fã e devoto (o que é raro, pois normalmente desprezo atrizes, considerando-as uma bobice congênita e indignas de qualquer atenção), a loura June Haver, repito, tem beleza da cabeça aos pés. E' a única "estrêla" de verdade que sabe ser bonita e simpática ao mesmo tempo, que Hollywood possui no momento: tem graça, desembaraço, é simples, dança e canta admiràvelmente, diz as linhas dos diálogos e monólogos com precisão e encanto juvenis, e sabe mostrar-se na plenitude de sua feminilidade exuberante diante de uma *câmara*, dos refletores e provàvelmente dos felizardos "penetras" dos estúdios cinematográficos.

Já sei que depois desta reportagem vocês homens e "paraíbas" leitores desta revista vão ficar, igualmente, devotos de Junezinha. Eu conto: a história começou na foto n. 1: aqui June teria pelo menos uma dupla de anos (idade) e eu andaria pelos meus quatro ou cinco: mas ambos fazíamos traquinadas à bessa. Ela, nas terras do seu destino, onde nascera, e eu, muito tranqüilamente no meu nordeste, que não é o da bagaceira dos doceiros da várzea, nem o das sêcas do padrinho Ciço, mas fica no meio do caminho, sem pedras...

June Haver cresceu, diz a segunda fotografia: a irmã também cresceu, e eu também cresci. Em seguida foi à praia e começou a se lambuzar de areia. E daí? Tôda criança não gosta de cavar buracos à beira-mar?... Brotinho, por volta dos 10 ou 12, ela aprendia a espantar a vizinhança com os pianíssimos arrítmicos, enquanto eu nessa altura já me esbaldava com as "peladas" do fundo do quintal, os problemas de geometria do Grupo, e um cineminha de quatros parados, extirpados a fitas como "Cavadouras de Ouro", "Expresso da Sêda", "Rua 42", etc., etc. Até que conheci a Lêda. Ah, a Lêda, a ruiva que cinematogràficamente eu comparava a Shirley Temple: ah, a Lêda!... Ah, as *bicicletas* de Leô-

Altas preparações capilares para entrar em cena...





O cãozinho é lulu e provàvelmente se chama Loo-loo...



Caminharei na tela enquanto tiver juventude, beleza e talento.



Aqui esta bondosa senhora lhe revela o motivo de sua vergonha, lhe relata a história dêsse estigma que a acompanhará ao túmulo e pelo qual ela trairá um homem e provocará um tremendo massacre.



“VER

ROZIN

E

ZENECK STE
MARIE GLAZ
Fr. Kreuzman
Ladislau B

Argumento:
Otokár Váv
dora C

NO pr
da l
mia,
micílio ce
nos, vaga
de um pou
pos de ge
dos chegar
ásilo no M
daqueles in
balhar na
Mosteiro e
que extraian
sustento e o
adiante ficav
ravam os op
pos que ali

A aldeia era
Kreuzmann),
govêrno devid
te de embriag
gas entre tra
provocadas pe
mente, vinham
durante o verã
à sua Pátria.

Kovar educa
nome Rozina
primaveras, do
leza aliada a
dispensando a
sitassem o má
muitos os seus
se de todos.
chefe do grêm
ca de vidro, h
de boas cond
também o reje
lho. Como era
miradores, mu
josos que vivia
ser Rozina um
causava muitas
zina. Um certo
à sua mãe alg
Kovar entrou
embriagado pa
sua dor, revela
lher a quem ch
sua mãe. Deses
soa amiga a f
mágoas. Corre
tos cai nos br
confortá-la com
Aquêle coração
mente por sabe
por seus verda
passavam e não
lho alegre e j
rasos de Rozin
coração bater d
o jovem Nicol
Sentia em si o
amada. Logo n
à beira do rio
amor por êle, e,
mete-lhe casame
Nicolo, cujas pr
jeitadas por R
sencaminhar o
mostrando que

"…RGONHA"

…SOBRANEC

…ENCO:

…VEK ...... Nicolo
…VÁ .... Rozina
… .... Kovar
… .... Prior

…und Winter — Direção: … Distribuição: Distribui…ográfica Rio Mar.

… do século XVII, antes … Morro Branco, na Boê…o vivia errante, sem do…l qual bandos de ciga…elas estradas, a procura … Dessa maneira, êsses gru…onesta e alguns vagabun… Praga, onde encontraram … de Santa Inês. Alguns …s prontificavam-se a tra…ica de vidro, ao lado do … propriedade dos padres, …dela o necessário para o …gastos do convento. Mais …a pequena vila onde mo…rios, bem como êsses gru…scavam guarida.

…governada por Kovar (F. …e não fazia um grande … ao seu estado permanen…ez. Ocorriam a miúde bri…alhadores quase sempre …s italianos que, geral… a Praga para trabalhar …, regressando no inverno …

…a uma linda menina de …(Marie Clazrová), de 18 …ada de deslumbrante be…ma imensurável bondade, … todos aqueles que neces…imo de dedicação. Eram … admiradores, porém ria… Dentre êles cortejava-a o … dos operários da fábri…omem idoso e viúvo, mas …ções financeiras. Rozina …ava por considerá-lo ve… grande o número de ad…to maior era o de inve…m comentando o fato de …a pobre enjeitada e isso … lágrimas à juvenil Ro… dia, quando perguntava …uma coisa sôbre seu pai, …em casa, completamente …a tornar ainda maior a …ndo-lhe que aquela mu…mava de mãe jamais fôra …perada, procura uma pes…n de dar vasão às suas … ao Mosteiro e em pran…ços do Prior, que tenta … as mais doces palavras. … púbere sofria amarga… que nunca fôra beijada …deiros pais. Os dias se … mais se via aquêle bri…uvenil nos olhos sempre …a, até que sente o seu …compassadamente ao ver … a quem nunca ligara. … amor e o desejo de ser …o seu primeiro encontro … Rozina declara o seu … Nicolo, por sua vez, pro…nto. Os companheiros de…postas foram sempre re…ozina começaram a de…apaz dos seus propósitos, … seria um mal passo,

(Cont. na pág. 20)



A êste ela amou, mas a sua vergonha não permitiu que êle a desposasse, mas por êle ela trairá o seu espôso, um rico homem de cabelos brancos e arcas cheias de ouro.





COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

CONFLITOS DE AMOR

LA RONDE — França Filmes

NÃO se pode, seguramente, definir o amor. Oú, melhor, não se deve. Deve se, quando muito, senti-lo. E isso varia de homem para homem, de mulher para mulher, muito embora, paradoxalmente, êle seja o mesmo para todos. No cinema, como em tôdas as artes, êle é e continuará sendo o tema favorito. Como o é na vida real. "La Ronde", portanto, seriá "apenas" mais uma película no gênero, não fôsse a originalidade de seu argumento, a habilidade de sua adaptação para a tela, a cuidadosa e eficiente interpretação por um "cast" de onze "astros" de renome, e a segurança da direção de Max Ophuls.

Arthur Schnitzler, quando escreveu o argumento de "La Ronde", não pretendeu dar-nos uma "definição" do amor. Seus 10 quadros, apanhados dentro da própria vida, são apresentados de maneira macia e leve. O muito que contêm de verdade, é diluído de forma saborosa no tom de ironia com que são apresentados, sob a capa da fantasia em fusão com a realidade. O processo de apresentação, fino, inteligente, e de muito bom-gôsto, é uma novidade excitante. Schnitzler não pretende afirmar, absolutamente, que o amor seja "sexo". Ao contrário, êle chega a admitir, mas entre-imagens, que existe tal sentimento, muito embora as suas personagens procurem desmentir, maliciosamente, tal conteúdo, procurando fixar exatamente o "momento" do romance, em suas múltiplas formas e em suas várias concepções, variantes de indivíduo para indivíduo, de caso para caso, de acôrdo com as circunstâncias, que convergem, finalmente, para a singularidade dos fatos.

A primeira curiosidade do filme é a aparição do estranho personagem que caminha pelos "sets" de um estúdio cinematográfico, mudando de roupa, enquanto tenta esclarecer-nos qual a sua função. Mete-se num traje a rigor, e transporta-nos, a todos, para a Viena de 1900, ao som de uma valsa, fazendo girar um carroussel. Isso comprova, em princípio, que, retrocedendo ou avançando no tempo, o amor será sempre o mesmo — e o estranho personagem, que poderia ser qualquer de nós, espectadores (com a vantagem de estar "presente" em todos os lugares), poderá observar detalhadamente o desenvolvimento dos 10 casos, que fecham um ciclo, sugerindo a sua continuidade, no último episódio.

Jacques Natanson, cenarista e dialoguista, adaptou com tanta habilidade e inteligência êsse argumento (premiado em Veneza, no Festival) que poderia ser encarado como uma única história, que se desdobra espontâneamente, ou mesmo como 10 episódios isolados, ligados, irônicamente, pelo fio do Destino. De qualquer forma, cada episódio é uma história simples, banal, dessas que acontecem todos os dias, em cada canto onde haja um homem e uma mulher, quer êsse homem seja um estudante, um poeta, um conde, um soldado, quer essa mulher seja uma perdida, uma empregadinha, uma dona de casa. O filme não tenta sequer definir posições sociais; frisa, apenas, essas posições, para situá-las diante do amor, na condição simples de homem e mulher.

Os diálogos são de um efeito extraordinário. Curtos, diretos, não pretendem conter nenhuma filosofia nem defender alguma tese. São sinceros, humanos, e, sobretudo, irônicos. Max Ophuls, munido dêsse valioso material, faz de seus personagens, simples joguetes à mercê do amor, como qualquer criatura humana que procure uma aventura, consciente ou inconscientemente, e a acabará encontrando, de uma forma ou de outra. Pois é justamente êsse carroussel milagroso que faz girar os personagens em tôrno do amor, submissos que estão a êsse incontrolável sentimento.

Anton Wallbrook, Simone Signoret, Serge Reggiani, Simone Simon, Daniel Gelin, Danielle Darrieux, Fernand Gravey, Odette Joyeus, Jean-Louis Barrault, Isa Miranda e Gérard Phillipe, os astros, estão irrepreensíveis. Convencem perfeitamente nos tipos interpretados. Cenografia de Jean D'Eaubonne, esplêndida. Fotografia muito boa de Christian Matras. A música, uma valsa de Oscar Strauss, é de grande efeito. E' ela que impulsiona o Carroussel, e que embala as personagens inebriadas pelo amor, que bem poderiam ser qualquer de nós...

Cotação artística: 4½ *Cotação comercial: 4½*

"VERGONHA"

(Cont. na pág. 26)

uma vez que a origem de Rozina, desconhecida e duvidosa como era, iria influir na sua vida não lhe permitindo subir à posição de chefe. A princípio o rapaz não dava ouvidos aos comentários. Chega o inverno e os italianos partem de volta à Pátria. Entre êles segue Nicolo que, ao despedir-se de Rozina, promete voltar na primavera quando se casaria com ela. Essa promessa, entretanto, não foi cumprida. Na primavera êle escreveu-lhe uma carta na qual dizia que não se casaria com ela por ser filha de um amor pecaminoso. Essa notícia foi mais um choque para a pobre Rozina que, numa espécie de vingança, resolve casar-se com o velho viúvo, o qual, cheio de orgulho e alegria, promete-lhe conseguir um documento do Rei que tornaria legal a sua origem.

Entretanto, antes do dia do casamento, volta a Praga, Nicolo, que alega ter voltado obrigado pela saudade que sentia. Sabedor do casamento procura-a no Mosteiro, onde o Prior o expulsa como perjuro. Irritado, saca de uma faca e tenta matá-lo no que é impedido por seus ex-companheiros. Não vendo seu intento consumado, Nicolo jura vingar-se e põe fogo no Mosteiro. Nisto, Rozina casa-se e o seu marido lhe dá todo o confôrto, faltando, entretanto, com a promessa da legalização de sua origem. Em represália, Rozina não permite que o seu marido durma no mesmo quarto que ela, relaxa-se também dos seus afazeres domésticos, passando os dias perambulando pelas ruas. Nicolo não desanima e consegue marcar um novo encontro à beira do rio, e, nessa ocasião, aconselha-a a roubar o dinheiro do seu marido para que os dois pudessem fugir para outro país onde questão de origem é coisa secundária. Rozina foi vista nesse encontro por pessoas amigas de seu marido. Entrementes, no grêmio, há uma reunião e os companheiros do marido de Rozina o recriminam por não ter tratado da legalização prometida, e por castigo, destituem-no do cargo que ocupa. Nesse estado de espirito, êle vai a casa a fim de dirigir a petição ao Rei, e, quando procurou o dinheiro para o pagamento das despesas, verificou que havia sido roubado, tendo logo a certeza de que o foi pela própria mulher. Enfurecido por ter sido enganado, joga na rua todos os pertences de Rozina e dá ordens para que não seja permitida a sua entrada naquela casa. Rozina, ao voltar, vê aquêle quadro e corre para junto de Nicolo, indo morar com êle num albergue pouco recomendável. Nicolo, que não havia esquecido o Prior nem o seu juramento de vingança, organiza uma turma de vagabundos e começa a induzi-los a assaltar e saquear o Mosteiro, alegando existir ali um fabuloso tesouro.

Numa noite de baile no albergue são feitos os últimos preparativos para o saque, e Nicolo pede a um dos seus cúmplices que leve Rozina para longe e se livre dela, pois já não sente por ela nenhum amor.

Cumprindo a ordem, o sequaz leva Rozina para um lugar afastado e tenta matá-la, mas,

(Cont. na pág. 26)

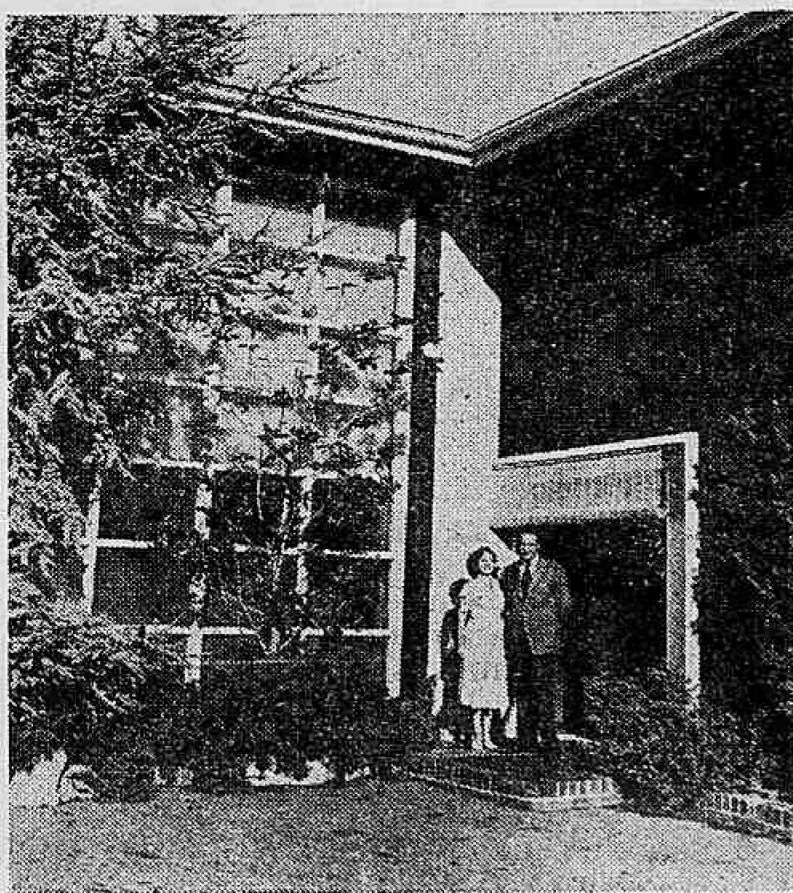


Ao lado de sua espôsa, a formosa ZsaZsa Gabor, Sanders admira a piscina de sua ultra luxuosa residência em Bel Air, avaliada em alguns milhares de dólares.

GEORGE SANDERS NA INTIMIDADE



Sempre ao lado da espôsa (ao menos diante do fotógrafo), Mr. Sanders dedilha o «bife». Parece que o rapaz tem mesmo vocação.



Numa pose especial, Sanders & Wife enfrentam a máquina fotográfica num delicioso recanto do seu lar, doce lar.



George Sanders é um rapaz pensativo. Gosta de perder horas a fio jogando xadrês. Quando está de folga, é claro.

A sala-de-estar de sua residência é das mais fascinantes de Hollywood. Vejam e confirmem

GEORGE Sanders, um dos mais cotados galã do cinema moderno, apesar de não ser mais «brotinho», tem uma legião enorme de fãs. Parece mesmo que as meninas preferem os homens maduros, experientes. A prova é que a correspondência de Sanders é das mais volumosas de tôda Hollywood. Ator completo, no sentido exato da palavra, George Sanders interpreta qualquer espécie de papel, desde o vilão desalmado, até o mocinho romântico. Mas sua especialidade é ser cínico, com um leve tom de ironia em tôdas suas palavras. Seu último papel foi interpretado ao lado de Bette Davies em «A Malvada», tendo terminado, recentemente, também para a Fox, «I Can Get It For You Wholesale», ao lado de Dan Dailey e Susan Hayward. Nestas páginas, apresentamos «o outro lado» da vida do simpático ator: em sua intimidade, no lar, onde tem como companheira a simpática ZsaZsa Gabor, sua espôsa, que, por sinal, tem uns traços de Jeanne Crain, não acham?

De manhã cedo, Mr. Sanders costuma ler os jornais, enquanto saboreia o seu café.



Um belíssimo parque circunda o lar dos Sanders. E êles não se cansam de admirá-lo.



O simpático casal sempre encontra alguns momentos para exercitar o raciocínio.

JEAN GABIN
ISA MIRANDA
DOIS PECADORES QUE O AMOR NÃO CONSEGUE REDIMIR...
3 Dias de Amor
(LE MURA DI MALAPAGA)
Um filme de René CLÉMENT
ART COMP. NACIONAL
HOJE
ART-PALACIO
RIVOLI TEL. 42-9525
SÃO JOSÉ FONE 42-05??

PEDRO LIMA

(Cont. da pág. 14)

belecia as bases do filme-forma, na *espiritualidade* e na *intelectualidade* de "Intolerância", a primeira realização de "montage" do cinema.

Assim, primeiro surgiu Griffith; depois veio a "indústria".

Só mais tarde o cinema russo realizou obra de "móntage" no pequeno filme de Stabajov intitulado "Dois dias".

Desde os primitivos tempos do cinema de Griffith, que o americano desconhece o valor do "montage".

O mesmo não sucedeu no cinema soviético, onde aparecem cultores, verdadeiros "gramáticos" da forma de expressão pelas imagens, chegando Pudovquin a definir que se o cinema tinha que progredir como arte, deveria seguir as regras do "montage", isto é, a lógica, o princípio fundamental da linguagem cinematográfica; ou, como diria Eisenstein, as elações matemáticas da construção fílmica, a dialética dos princípios governando a dinâmica da forma no filme.

De como o cinema necessita destas regras para se fazer compreender, tomemos por exemplo o que sugere Brailowsqui quando cita a palavra "cavalo". Na sua expressão literária, ela deixa a imaginação de cada um supor que espécie de animal é, de que tipo, se é gordo ou magro, grande ou pequeno, branco ou prêto, novo ou velho, árabe ou francês, uma infinidade de suposições que precisam de palavras para uma definição.

Agora, quando a tela apresenta um cavalo tôdas estas qualificações ficam imediatamente definidas pela imagem. Está claro que se sucede isso com uma simples figura, que efeito surpreendente não se poderá conseguir com a relação de imagens precisas e reunidas por regras estabelecidas, conforme as realizam os cineastas russos?

Daí o cinema russo ter estabelecido como nervo vital da sua indústria o tratamento do "montage", mas não o que imaginou o velho Lev (Leão) Culechov, que se servia das imagens como um pedreiro que amontoasse os tijolos de um muro, sem se preocupar com a forma e com o ritmo.

Na América sucede um caso interessante. Joseph Von Sternberg, quando realizando "Desonrada", tentou imitar a técnica do cinema russo, usando o "lap dissolve" em quase tôdas as mudanças de seqüência, que resultou naquela confusão de imagens e diluindo sôbre outras que se iam apresentando, numa confusão incrível. Talvez que Sternberg quisesse provar que entendia da técnica de Raissman exposta no filme "Velha Sibéria", onde as diversas imagens mantinham um ritmo de conexão.

Portanto, enquanto que o cinema americano ficou no ABC, o russo criou a Universidade Moscou Kino Technikum, onde se estuda cinema sob todos os aspectos, e os diretores compreendem que "cortar" para a unificação de um filme, é alguma coisa de essencial na cinematografia. Enquanto isto, para não perder tempo, os diretores americanos se esquecem dos ensinamentos do mestre David Griffith — e enquanto se fazem pagar algumas centenas de dólares pelo seu trabalho, entregam nos departamentos de "cortes", a pessoas que ganham apenas 25 dólares, o principal trabalho. Também, a contar desde "Massacre", realizado em 1910 pelo pioneiro do cinema — arte na América, o mais que Hollywood tem realizado, salvo raríssimas exceções, pode-se contar pelos dedos...

Aliás, o desenvolvimento do cinema russo se explica, bem assim como a sua superioridade, pelo apoio que lhe deu desde os primeiros instantes o govêrno comunista, a começar pelo próprio Lenin, que declarou: "De tôdas as artes, a mais importante para a Rússia, é o Cinema".

("Seqüências e Imagens", em "O Homem Livre", 30 de setembro de 1933).

CANARINHO QUE NÃO É . . .

(Cont. da pág. 17)

nidas na "Copa do Mundo", a invasão do bilhar "snooker" no Brasil, aulas de Esparta e Atenas!!!

Mas o tempo marcha: June Haver cria corpo e cria voz e vai cantar ("canary", imagine!) com uma orquestra popular pelo país. Linda como todos os caracóis, ela já principiava a demonstrar as feições que a sagrariam como a minha futura namorada, leitor, e tua. Melòdicamente emparelhava com o pistão do jovem que a levava a jantar (vejam o cliché, *please*) e agudizava que era uma beleza! Foi quando resolveu posar tôda enfatuada, com um novo penteado, um novo chapéu, um vestido novo, sapatinhos novos, e novas e transparentes meias... Mas, que pernas, mai, mai!... Sucesso no rádio e no teatro de revista. Nesse interim eu me mudara pro Rio de Janeiro (no "duro"), fizera fôrça numa pá, tentara infringir a lei embarcando pra lutar contra Hitler na Africa (era menor, *you know*) e cada vez mais gostava de cinema, até que acabei rumando o barco para a Cinelândia onde me percevejaria por longo tempo, escrevendo, escrevendo, escrevendo... Veio a guerra e no meio da batalha, precisamente em 1944, apareceu, sorridente como pasta de dente, mas inequivocamente, irrecusàvelmente, inobjetàvelmente sensacional, a ilustre ingênua June Haver. Os filmes coloridos se multiplicaram: um, às vêzes dois por ano, mas sempre a voz, o sorriso, a graça e a beleza de June, atributos a que poderiam ser ajuntado os adjetivos *maviosa, borbulhante, irradiante* e *ofuscante*. Fêz uma fita com Betty Grable e quase coloca a coleguinha no chinelo. Ei-la agora numa foto mais recente, com os cabelos dourados bem tratados por uma especialista da companhia. Em seguida aparece numa daquelas paulificantes preparações de iluminação e enquadre para filmar uma seqüência. Há, depois, o intervalo com o doguesinho do coração. E os filmes, perguntarão vocês? E o cronista, que fazia? Pois o cronista esperava pacientemente, já amando-a em segrêdo profissional, o dia em que ela resolvesse desembarcar no aeroporto do Galeão, e provasse ser o mel de abelha que sempre parecera ser, o que de fato aconteceu numa sexta-feira à tarde, com vários convidados em redor, manifestações de aprêço geral, etc., etc., etc. ... Amor alimentado através de "Amor Juvenil", "Olhos Travessos" "Fantasia de Amor", "As Irmãs Dolly", "Desperte e Sonhe", "Precisam-se de maridos", "Sinfonia do Passado", "Tormentas de ódio" (filme miseràvelmente sabotado pelo truste, lançado em cinemas de bairros sem qualquer propaganda; raios partam os donos do truste!!!), "Crepúsculo de uma Glória", "Bonequinha Linda", "De corpo e alma"... Amor solidificado pessoalmente, num abraço comovedor, uma palestra animada cheia de amabilidades de ida e volta, e sorrisos... June é um amor: isso foi dito por um cronista de cinema. Um cronista político-social escrevendo sôbre a fauna cinematográfica achou ingenuidade considerar-se June Haver um amor. Mas acontece que ela *é um amor* sem dúvida! O cronista político-social pode ficar com sua teia de considerações a propósito do perfume da espôsa do general, a estratégia do promotor público ou o vazio da vida burguesa. Mas que June Haver é um amor, é mesmo!

NOTICIÁRIO

(Cont. da pág. 33)

sentação de «Carmen». de Bizet. ★ GRANDES REFORMAS NO TEATRO MUNICIPAL — Engalana-se a nossa primeira casa de espetáculos para a Temporada Lírica Nacional. A orquestra, os coros, o corpo de baile realizam apurados ensaios desde janeiro, de modo a serem atingidos os objetivos da Prefeitura que criou, há três anos, essa temporada, oferecendo grande oportunidade aos artistas nacionais. A parte interna do teatro vem sofrendo rigorosos preparativos parecendo mesmo uma reforma completa.

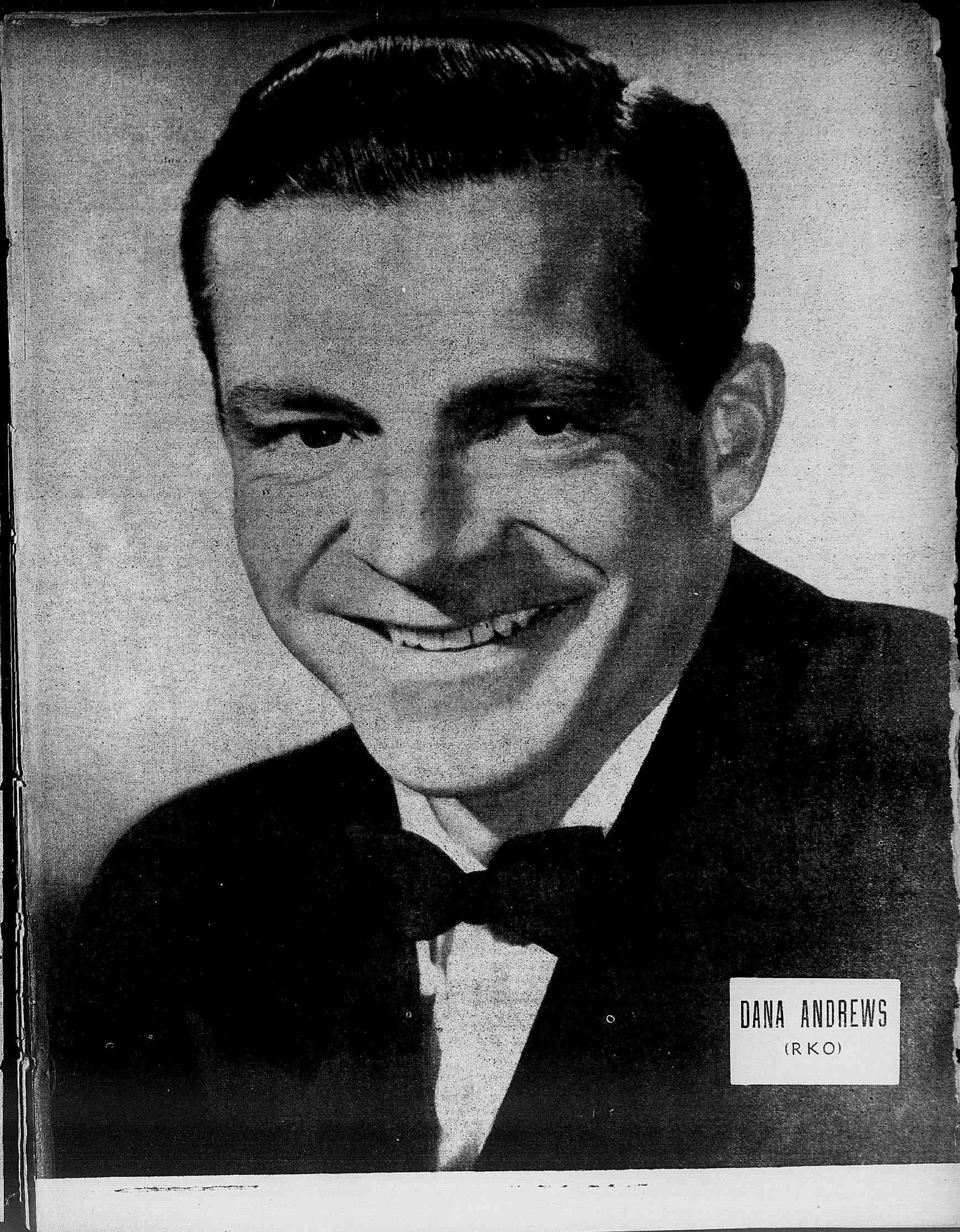
Os objetivos dessa reforma visam principalmente valorizar o corpo técnico, amparando-o através de vencimentos compatíveis com os encargos que lhe são atribuídos e valorizar o corpo artístico — côro, baile e orquestra — equiparando-o aos melhores do mundo em rendimento artístico.

Nesse trabalho, tem sido incansável o professor Castro Filho, diretor do Teatro Municipal. Apesar de realizados com os recursos materiais e do pessoal do próprio teatro, cêrca de 130 modificações na aparelhagem e ornamentação foram efetuadas, destacando-se a limpeza e lustração dos valiosos alabastros; reforma das conversadeiras e reconstituição dos móveis e utensílios; pinturas em rosa-sêco, marfim e ouro; renovação das superfícies douradas e dos prateados; colocação de veludos em tom ouro-velho; colocação de passadeiras de lã grenat na sala e em todos os corredores do teatro; renovação do chão de cortiça; pinturas gerais, inclusive consertos nos camarins e no palco; limpeza dos cristais; desmontagem dos lustres para contrôle de segurança e limpeza. Vive assim o Teatro Municipal um ambiente de febril atividade para apresentar-se completamente restaurado e no seu estilo original.

(Transcrito do «Correio da Manhã»).

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e enderêço certos a que as mesmas se destinam.


DANA ANDREWS
(RKO)

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos".
Acaba de saír a 11.ª edição — Prêço: Cr$ 60,00

Pedidos para o interior à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

ENCONTRO COM O . . .

(Cont. da pág. 6)

hélice do motor nº 4 vem a chocar-se com a do motor nº 3. Jacques ordena a Claire que se cumpram imediatamente as ordens de amerissagem forçada: tirar gravatas e sapatos, preparar a canoa automática, colocar os salvavidas, etc. Um vapor de carga responde às mensagens de S.O.S. do avião, mas Forestier deseja fugir de posar em alto mar. Responde por sua vez pela vida dos passageiros e do aparelho e não faltará às suas obrigações.

Arriscando tudo, decide viajar até Dakar com ùnicamente dois motores. Penosamente volta o avião a ganhar altura. Com o olhar cravado na janelinha, Jacques dirige com maestria o avião, ganhando pouco a pouco o jôgo com o perigo pois que, advinhando-se entre a névoa, aparece, por fim, no horizonte, a luz intermitente do farol de Almadies... A costa está próxima.

Na carlinga, já livre dos passageiros, Claire reune-se a Jacques. O perigo os aproximara. Renunciando a lutar e fugir de seu amor, a moça abandona-se nos braços daquele que jamais deixou de a adorar. A ela não importa que possa voltar a abandoná-la, já que se considera presentemente ditosa, deixando no ólvido dolorosas recordações.

CANTINFLAS, O . . .

(Cont. da pág. 9)

um rapaz patriota. Às 4 horas e 5 minutos da tarde, o contrato já estava assinado: Cantinflas fará um filme na Maristela, a ser rodado em março de 1952. A história se desenrolará parte no México e parte no Brasil. Possìvelmente, o «script» será de autoria de Vão Gôgo. Os diretores da Maristela irão, ainda êste ano, ao México, a fim de escolher os artistas, sendo a «estrêla» uma pequena brasileira.

Na manhã seguinte, na piscina, conhecemos outra faceta da personalidade de Cantinflas. Trajando um calção justo, deixava transparecer sua pele queimada do sol. Nem gordo nem magro. Estatura mediana. Forte, tipo atlético. E cínico, bem cínico, dêsse cinismo que caracteriza os rapazes de Copacabana. Cantinflas trazia consigo uma máquina fotográfica original: não só batia as chapas como as revelava no mesmo instante. Por isso mesmo, bateu diversas poses de senhoritas que se banhavam, e êle próprio ia entregar as cópias, com o maior cinismo possível. Quando voltava para a mesa, dizia:

— Você sabe... é preciso... no entanto, sem que... claro, precisamente... por isso mesmo é que... Todavia, nem sempre... Veja, por exemplo... Não é? Por isso é que eu sempre digo...

— Já vi tudo!

E creio que você também, leitora.

"VERGONHA"

(Cont. da pág. 20)

por um capricho do destino, aparece uma testemunha do fato, pondo em fuga o assassino, sem que consumasse o crime. Rozina é sabedora do que se passa no Mosteiro e corre para lá, e, em meio daquela confusão sobe com o prior para o alto da tôrre. Depois de quase tudo destruído, Nicolo sobe à tôrre com a intenção de matar o velho padre, e depara com Rozina, que o protege com o próprio corpo. Nicolo, alucinado pelo afã da vingança, ataca e mata Rozina e quando se dá conta do seu ato, atira-se do alto da tôrre, morrendo em conseqüência. O velho Prior desce com o corpo de Rozina nos braços e fala ao povo dizendo-lhes que todos êles são culpados pela morte daquela criatura, pois, todos sempre a hostilizaram por sua origem enjeitada, tornando-a sempre infeliz e desambientada.

AGUARDEM O

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

DE 1951

que já está em confecção, trazendo todo o movimento esportivo do ano

O mais completo no genero

UM FILME ITALIANO

ALBERTO CONRADO

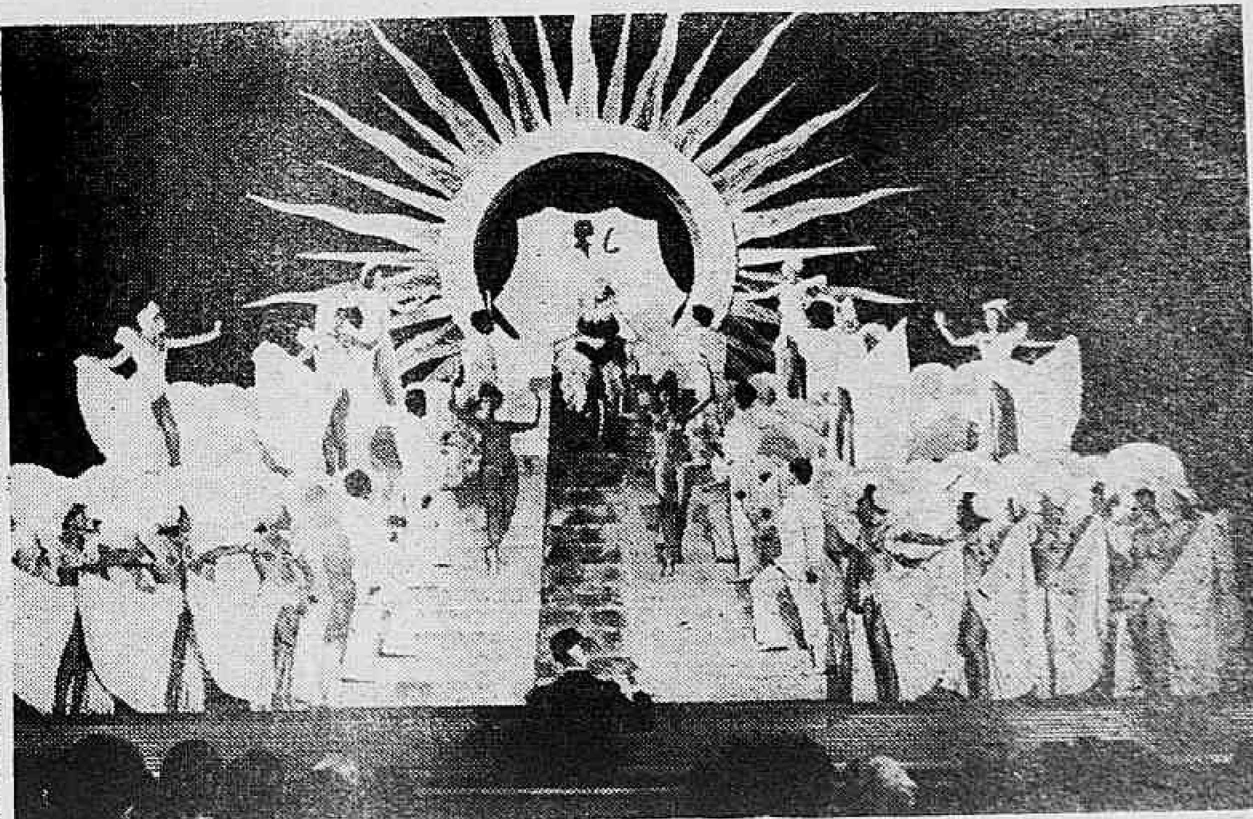
PUNTA DEL ESTE. — Comentamos esta semana o único filme do diretor Alberto Lattuada, apresentado neste Festival, que, em conversa com êste cronista disse ser «Luci del Varieta» uma visão realista do teatro de variedades tão deformado e moralizado pelos seus similares do cinema americano». «Luci del Varieta» foi dirigido por Lattuada e Federico Fellini, com fotografia de Otello Martelli, música de Felice Lattuada, tendo como produtora Bianca Lattuada, enfim, um filme latuadino sem levar em conta a principal atriz, Carla del Poggio, mulher de Alberto Lattuada. O espectador pode corrigir a opinião de Lattuada porque o realismo se evidencia na sua pintura de personagens e não no seu tema. O primeiro objetivo é obtido pelo argumento e direção de Lattuada e Fellini com a intenção humorística com que costuma dirigir o realismo; nos primeiros quinze minutos desfilam as gordas coristas que dançam, os músicos envelhecidos que não têm nenhuma vontade de tocar, os graciosos artistas profissionais que menosprezam as piadas baratas. Tôda essa gente é vista pela câmera em breves enfoques significativos e aparece ridicularizada com sua só presença, enquanto a montagem une essas cenas e proporciona um dinamismo bastante agradável. Apesar de que a mesma aguda visão persiste mais tarde para examinar êstes personagens na sua função dramática com tôda sua sordidez de gente vaidosa que não quer declarar-se vencida, o filme se desvia dêsse realismo e insiste em contar a carreira de uma jovem (Carla del Poggio), aliviando as doses de vergonhas, concessões e seduções que lògicamente teve que suportar antes de chegar a estrêla. A esta altura a versão está contaminada de romantismo (sem poesia) e de um barato drama que também poderia figurar nos filmes musicais de Hollywood. E' destacável, entretanto, que seja êste, a vinte anos do cinema sonoro, o primeiro filme onde se assinalá o erro essencial dos bastidores sem suavizar a face ridícula de seus integrantes, sem dramatizar sôbre as origens de suas vidas, sem pretenderem ser melhores ou piores do que são; quem conhece o teatro de menor categoria apreciará esta pintura de ambiente. O elenco segue fielmente as indicações de Lattuada e Fellini mas não parece tão apto para seguir a história a sério que indevidamente aqui se planteia.

«Le Journal d'un cure de campagne» (Diário de um padre rural). Diretor Robert Bresson. Guião Robert Bresson, baseado na novela do mesmo nome de George Bernanos. Fotografia L.H. Burel. Intérpretes; Claude Laydu, Jean Riveyre, Nicole Ladmiral, Nicole Maurey, Arkell e Bonnetau. Este filme está concebido, escrito e filmado como manifesto de um homem de fé, obcessionado pelo desejo de uma profunda compreensão das paixões, dos interêsses, e, definitivamente, sôbre as almas de alguns de seus alunos; está concebido como manifesto de quem deve manobrar os problemas alheios, receber uma confissão, representar a Deus, carecendo, entretanto, da confiança no seu próprio juizo e torturando-se intimamente por êsse fator. A norma da narração seguida pelo argumento leva tais conflitos a um extremo grau de concentração: enquanto as notas do Diário podem ser espontâneas e cotidianas, os problemas vertidos são encarados no tempo presente depois de um complexo processo. E sua exposição prefere expressar as reflexões sôbre cada problema do que a reconstrução dramática dos mesmos problemas. Num cinema onde tão escassamente se verifica o realismo psicológico, e, sobretudo, num cinema católico empenhado em modificar e simplificar o mundo para poder tirar fáceis conclusões de doutrina («O bom Pastor), êste manifesto de um padre parece extraordinário e intenso, justamente porque não exerce um dominador patronato de almas, dando por resolvido o que não está, senão que reflexa a curiosidade. A limitação e a dúvida do filósofo. Assim também se prestigiou «Monsieur Vincent», acudindo a uma visão realista (nem bondades nem perversidades totais) do mundo exterior e fazendo caudal do sofrimento físico e psicológico de seu protagonista. E' significativo o silêncio respeitoso com que o público do cinema do Festival acolheu esta herança que apelou tanto para o católico como para o que não deseja sê-lo. Parece especialmente desafortunado, por outro lado, o procedimento narrative do filme que se ajusta formalmente ao texto original de Georges Bernanos e inclui, durante seu inteiro desenvolvimento, a voz do padre em «backcround» de cada cena, descrevendo, explicando o que a imagem, diálogo e música deveriam ter expressado. Êste formal recurso tem ocasionalmente a vantagem de poder dar uma situação em dois planos e acrescentar ao feito vivo do que dizem seus personagens, à segunda voz cantante dos que calam; daí surge a sensação de complexidade e profundidade que adquirem algumas de suas cenas. Porém, são tão abrumadoras as desvantagens do procedimento que esta obra resulta literária no mais amplo sentido da palavra e anti-cinematográfica num grau superlativo difícil de igualar. Pretende, primeiramente, examinar todos seus temas sob o ângulo único de seu protagonista e como êste não representa senão que escuta, a exposição é também verbal por parte de todos e cada um dos personagens o que pràticamente amplia o vício literário a todo o filme. Em segundo lugar, o procedimento narrativo impõe o requisito de que cada um dos pontos (a infidelidade do conde, a tolerância da condessa) se mostre quando já foi digerido e assimilado por seus protagonistas, o que equivale a escamotear ao espectador a mesma substância do assunto e dar-lhe, inclusive impor-lhe, determinada reflexão e determinada filosofia em lugar do espontâneo espetáculo da vida; nisto se parece a «Carnet de Balle», sem sua variedade. Em terceiro lugar, esta narração exige a necessidade de reduzir seus pontos para o tom de melancolia e desfalecimento em que vive o padre, privando o filme do humor, a violência ou a agilidade que como material dramático poderiam ter tido; é sintomático que o filme faça caudal de algumas enfermidades físicas, (dôres de estômago, câncer), porque êsse ânimo é o coador que filtra e marca todo o tema. As consequências são para o espectador que é forçado a tremenda lentidão do filme, seu choque com quem prefere uma exposição dramática e viva de um conflito antes do que qualquer reflexão sôbre êle. Deve pontualizar-se que, salvo êste vício de origem, o trabalho do diretor Robert Bresson parece acertado e em tudo quanto lhe é possível procura conseguir a qualidade, assim como Burel na fotografia. O remewald na música e na interpreta-

(Cont. na pág. 30)



«LUCI DEL VARIETA»
Razoável incursão de Lattuada



CARLA DEL POGGIO
Mais artista sem roupa



O LIVRO DAS MULTIDÕES

à venda

Está à venda em todos os pontos de jornais e revistas de tôdas as cidades do Brasil a grande edição do

Almanaque EU SEI TUDO para 1951. Preço Cr$ 20,00

Um livro ilustrado com perto de 400 páginas. Leitura variada. Calendários. Informações sôbre o ano

Melodias para você

CARTAZ DO MOMENTO



CANÇAO DE AMOR

CANÇÃO DE AMOR

(SAMBA)

De **Elano de Paula** e **Chocolate**
Gravação de **Elizete Cardozo**

Saudade torrente de paixão
emoção diferente
que aniquila a vida da gente
uma dor que não sei de onde vem
deixaste meu coração vasio
deixaste a saudade
ao desprezares aquela amizade
que nasceu ao chamar-te
meu bem.

Nas cinzas do meu sonho
um hino então componho
sofrendo a desilusão
que me invade
Canção de Amor
Saudade.

TORRADO DE SINHA

(BAIÃO)

De **Renato Rodrigues**
Gravação de **Manoel Macêdo**

No torrado de Sinhá
O pagode cumeçô
A sanfona tá gemeno
Na mão do seu tocadô
Zé Macário no ganzá
No triângo Simião
Todo mundo tá dançano
No compasso do Baião.

Ai, ai, arrastano o pé no chão
Ai, ai, no compasso do Baião (bis)

Venha cá seu Manezinho
Vê qui bão nesse rojão
Todo mundo agarradinho
Sobe a poêra do chão
Êsse puchado do fóle
Fais pulá meu coração
Fais a gente ficá mole
no compasso do Baião.

Ai, ai, etc...

« ABOLIÇAO »
(SAMBA-CANÇAO)
De **Wilson Batista e Orestes Barbosa**
Gravação de **Francisco Carlos**

Nos troncos,
Nas algemas,
Com baraços em seus braços
Tolido nas torturas infernais
O negro que foi triste foi escravo
Foi um bravo.
A gemer, a gemer
E a plantar canaviais.

I I

Mas um dia nasceu
Um negro herói
Herói que foi luar e foi vulcão
Pois flores pelos caminhos,
Derrubou os pelourinhos.
Patrocínio nos deu a Abolicão
O negro que tirou a sua raça da desgraça
Lutando nas trincheiras de papel.
O negro que ficou na nossa história
Com esta glória
Que vive na saudade de Isabel.

TU SOLO TU
(BOLERO)
De **Capó**
Gravação de **Ruy Rey** e sua Orquestra

Mira como ando mujer, por tu querer
borracho y apasionado nomás por tu amor
Mira como ando mi bien
Tan loco de sentimiento nomás por tu amor...

Tu solo tu
eres causa de todo mi llanto
de mi desencanto y desesperación
tu solo tu
haz llenado de luto mi vida
abriendo una herida en mi corazón

Solo tu sombra fatal, sombra del mal
me sigue por donde quiera
con obstinacion
Y por querer te olvidar
me tiro a la borrachera
y a la perdición...

AL TELEFONO CON TE...
Slow-Fox, de **C. A. Bixio**

Com'é dolce,
qualche volta,
conversare
cuore a cuore,
per telefono con te;
e, al segreto
di quel filo
confidare
quel che a voce
sempre facile non é.

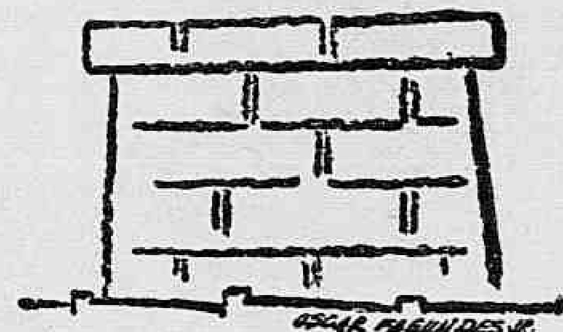
Dolce filo
misterioso,
malizioso,
legante d'amor
che ci unisce
di lontano
e, man mano,
a vince due cuor...

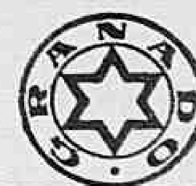
Io tremo
se mi porta
la tua voce;
poi chiudo
gli occhi e,
come in sogno,
vedo te!
Dolce filo
misterioso,
delizioso
legame d'amor... mor!
Dolce legame d'amor!
se ele é ou não casado.







Polvilho Antisséptico
GRANADO


O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ESTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 36 — 3º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

FADO

(Cont. da pág. 11)

Morais, que inteirado do assunto, despacha Lingrinhas e num gesto assintoso dá-lhe dinheiro para que entregue àquela gente, como que uma afeição se pudesse substituir por dinheiro. Enquanto isto, Luisinha morre docemente ao som dorido da guitarra que Júlio plange chorando de costas voltadas para aquela inocente que já não ouve.

Ao terminar sua audição, muito a contragosto, Souza Morais dá o recado de Lingrinhas a Ana Maria. A cantora parte para Alfama com o coração trânzido de dor e de remorços. Quando chega, todos lhe voltam as costas como a uma estranha, a uma intrusa.

Luisinha havia morrido, os seus a desprezavam e Ana Maria se recente do terrível desgosto. Souza Morais convence-a de aceitar um contrato para cantar no Rio de Janeiro. Ela parte mais triste do que nunca. Com a partida de Ana Maria e a morte da pequenita, Júlio se torna irritadiço, vagabundo e bebado. Sua vida é pelas tabernas, olhos fixos no passado e um copo na mão. Já nada lhe interessa na vida. A guitarra tão sua amiga, agora atirada ao lado das cousas imprestáveis, parece chorar aquela desgraça. Em vão, amigos de Júlio procuram distraí-lo da mágoa e interessá-lo em alguma cousa, mas o seu amor é mais forte e só pensa em Ana Maria que é todo o seu amor e sua própria vida. Um ano depois Ana Maria regressa. Rosa para que lhe perdoe, mas esta inflexível e lembrando-se da desgraça que ela causou ao seu filho, nega-lhe o perdão e escorraça-a de casa. Ao sair Júlio vem chegando ébrio como sempre, como um farrapo de homem, como uma sombra do que fôra. Ela fala-lhe mas êle a empurra e a atira ao chão como a uma vagabunda. Vendo tudo perdido e profundamente magoada Ana Maria anuncia o seu casamento com Souza Morais, que de há muito desejava o evento. Certa noite, na hora do espetáculo a cantora recebe a visita de Lingrinhas que lhe confessa não ter contado a Júlio como se passaram as cousas no dia da morte de Luisinha, mas Júlio agora já sabe. Lingrinhas informa-a então, que Júlio poderia ser salvo por ela. Conta-lhe a história e lhe diz que o seu amado vai para a África e que nessa mesma noite, no retiro «Os Unidos de Alfama» terá lugar um festival para angariar dinheiro para a viagem de Júlio. Ana Maria recusa ter qualquer interferência, declarando que tudo está perdido e que aquela gente já não lhe interessa.

O festival está realizando-se sob um ambiente de quase tristeza, apesar das lindas músicas que se tocam. O público obriga Júlio a subir ao tablado e empunhar a guitarra. Mas, êle não pode, não sabe tocar, por mais que se esforce. Os dedos não têm mais vida, só as lágrimas rolam pelas cordas adormecidas do instrumento. o seu rosto cansado de sofrer contrai-se e seus músculos se relacham, vai jogar o instrumento a um canto. Nisto, da porta começa uma voz a cantar, dirigindo-se para o estrado. A assistência estremece e num misto de espanto e alegria volta-se de pé, como que movida por um mágico engenho. Júlio acorda de sua letargia. A rapariga sempre cantando arranca dos ombros de Mãi Rosa o seu chale e sobe ao estrado. Era Ana Maria que voltava para o seu mundo e para o seu amor.

UM FILME ITALIANO

(Cont. da pág. 27)

ção Claude Laydu, como o padre, procurando nos primeiros planos, nos sons distantes, nas pausas, nos detalhes físicos, uma complexidade de expressão cinematográfica que não seja a da palavra alheia e comentarista. E' lamentável que não obtenha rotundamente essa formal complexidade e que um diretor de tão provada competência não se tenha atrevido mais além com seu tema: se o tivesse feito, se o tivesse descomposto nos seus elementos dramáticos para armá-lo depois como «script» e mostrá-lo vivo ao espectador, se teria distanciado da literatura e teria chegado, talvez, a uma alta execelência cinematográfica.

MELODIAS PARA VOCÊ

ESTOY SOLO

(BOLERO)

De Avelino Muñoz
Gravação de Ruy Rey e sua Orquestra

Estoy solo
Irremediablemente solo
ahora sé, que tu nunca llenarás
mi soledad.

Hoy te haz ido
para siempre de mi vida
has abierto una herida
que jamás se ha de cerrar...
A tu amor, mi cariño
se aferró desesperadamente
y no sé porque tu labios
pronunciarón el adiós
pronunciarón el adiós

Estou solo
Irremediablemente solo
que no espero en la vida
mas que llanto y dolor...



A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ...
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só

FERRO ARSYLOSE

Pedidos do interior a ARAUJO FREITAS & CIA.
Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — Rio de Janeiro

EU SEI TUDO

APRESENTAMOS AQUI O SUMÁRIO DAS MATERIAS CONTIDAS NO NÚMERO DE ABRIL

FRONTISPÍCIO

O Dólar de Prata (Conto — Côres) 7

ARTIGOS ESPECIAIS

Já agora pode ser revelado: Procurando o túmulo de São Pedro, os engenheiros estiveram cem vêzes à beira da catástrofe 11
Hitler, revelado pelas fichas do Exército Americano: Precedentes históricos — Hitler e Bismark 43
O Norte da África, trampolim da política internacional: Há séculos, potências disputam a supremacia do Mediterrâneo — (Por De Matos Pinto) 47

ROMANCES

As Provações de Raïssa (Continuação) 35
Uma Estranha Família (Continuação) 59

REVELANDO O BRASIL AOS BRASILEIROS

Caxambu — Estado de Minas Gerais — (Ignez Mariz) 67

A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS

Vitória sôbre a dor: Ponto final numa luta que dura há mais de cem anos — Por que os amputados sofrem de seu membro ausente? — Quando as chagas eram cauterizadas com azeite fervente (Côres)
Sóis atômicos para a Antártida 34
Para a exploração individual no fundo do mar 31
Exclusivo: Os pratos voadores constituem uma arma secreta dos Estados Unidos! 17

CONTOS E NARRATIVAS HISTÓRICAS

O Dólar de Prata (Côres) 7
Reencontro (Côres) 27
Origem da primeira guerra comercial no Mediterrâneo 48
Derrocada da primeira potência marítima da antiguidade 56
Martin, o Visionário (Continuação) 55

NO MUNDO DOS SELOS 71

VIDA DO CAMPO

Mais borracha da Castiloa? 73

COMO E' FÁCIL SABER TUDO

Nos Domínios da Gramática 76
Memento EU SEI TUDO (Fevereiro de 1951) 81
Quebra-Cabeças 89

DIVERSOS

Para o campeão, o prêmio está dentro da taça 70
Também há gondoleiros "papa-defuntos" 70
Vingança 72
Oxigênio para o filho 30
Êste é o teu mundo 31
Um monge budista medita num jardim parisiense 95
Como você resolveria isto? 53
Os teimosos 52
Já tinha rezado 52
A "Boa Resposta" do mês 52
Blok-Notes africano 53
Tudo pardo 53
Os penteados florescem no outono... parisiense 10

À VENDA EM TODA PARTE

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK

AUDIE MURPHY

MARY GONÇALVES





JOVEM, bonitão, de largo futuro à frente nos filmes de violência, Audie Murphy foi pracinha (G-I = ji-ai...) antes de entrar para a confraria de Hollywood. Já o vimos interpretando Billy the Kid num tecnicolor, mas a sua grande oportunidade, parece, é a de "A Glória de um covarde" (The Red Badge of Courage), a nova realização de um dos maiores diretores da atualidade, o americano John Huston. A produção é da Metro e vai ser lançada êste mês, abril, nos Estados Unidos. Esperamos que Audie Murphy confirme as esperanças nêle depositadas pelos fãs e que, por favor, não se deixe cretinizar na estandardização costumeira dos produtores ianques. A sua "pinta" ou "estampa" é boa: e como Billy the Kid estêve muito sincero e muito aproximado do Billy the Kid da lenda, só perdendo, talvez, para Jack Buetel ("O Proscrito"). Venha logo, Audie Murphy: os brotinhos estão indóceis à sua espera.

É brasileira, Mary Gonçalves, do Rio ou São Paulo, não sabemos direito. Chamou-se já Nice Figueiredo, mas hoje o pseudônimo pegou e o nome real ficou esquecido. E' jovem, bonita, muito boazinha, com grande vontade de vencer. Canta e representa. Quando não está filmando atua de preferência em "boites". Já estêve em New York e Hollywood, mas prefere o Brasil. Suas atividades cinematográficas datam de 1945: "Não adianta chorar", "Gente Honesta", "Vidas Solidárias", "Fantasma por acaso" ,"Asas do Brasil". E a atriz preferida de Moacir Fenelon. Está atualmente diante das câmaras, em uma nova produção brasileira cujo título por enquanto é secreto. Mary Gonçalves é morena clara, tem lindos olhos castanhos-claros e cabelos também castanhos. Menina de futuro: cobiçada com interêsse pela Maristela, pela Vera-Cruz, pela Flama, pela Cinédia, pela Atlântida, pela Horizonte, pela Meridional, etc., etc., etc.

GERARD PHILLIPE



GÉRARD PHILIPPE, que é um dos atores mais versáteis e inteligentes do cinema atual, em sua recente visita ao Rio provou ser também uma figura simpática e despida de preconceitos. Êsse francês fabuloso entrou para o cinema através do teatro, depois de haver representado peças de Jean Giraudoux, Garcia Lorca e Albert Camus. Sua estréia na tela foi em um pequeno filme de Marc Allégret: "Les petites du quai aux fleurs". Em seguida, apareceu em "Pays sans Etoiles" e logo veio a grande oportunidade em "O Idiota", de sucesso internacional. Seu físico delicado elevou-o à categoria de galã romântico por excelência. Foi o principal intérprete de "Adúltera", o filme que Claude Autant-Lara realizou de um romance de Raymond Radiguet. Depois apareceu em "A Sombra do Patíbulo ou Amantes Eternos", de Christian-Jaque, depois em "Une si jolie petite plage", "Toutes les chemins mèment à Rome", "Conflitos de Amor", "Juliette ou la clé des songes" e "La Beaute du Diable", o famoso filme de René Clair. Quando não está filmando, Gérard Philippe atua no teatro, discute no sindicato dos artistas, lidera greves, discursa em comícios políticos, e ama, o que é muito importante nesta vida, não acham?

CARLA DEL POGGIO



UMA das mulheres mais bonitas do cinema atual, só comparável a Ruth Roman e Virginia Mayo, a interessante Carla Del Poggio, nasceu em Nápoles, Itália, a 2 de dezembro de 1925. Seu verdadeiro nome é Maria Luisa Attanasio. E' casada com o famoso diretor Alberto Lattuada. Antes de profissionalizar-se no cinema foi aluna do Centro Experimental de Cinematografia, de Roma. Iniciou-se, juntamente com Irasema Dilian em "Madalena, zero em comportamento" em 1940. Fêz outros filmes: "La scuola dei timidi", "Violette nei capelli", "Um garibaldino no convento" (inédito, que a Art-Films apresentará brevemente), "C'é sempre un ma...", "Signorinette", "Incontri di notte", "L'angelo e il diavolo", "O Bandido", "Trágica Perseguição", "Sem Piedade", "O Moinho do Pó", "Luzes de variedades", os dois últimos também da Art-Films que veremos muito breve, sendo que no último, pròpriamente, Carla aparece em várias seqüências quase que inteiramente despida, o que será um prazer para nossos olhos, uma vez que ela possui um corpo belíssimo. Mas Carla Del Poggio não tem apenas beleza: é também tão talentosa e inteligente quanto, por exemplo, Alida Valli.



OSWALDO DA CUNHA

ESCOLHIDOS OS MELHORES DE 50

Em reunião realizada pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, na A.B.I., foi feita a votação para a escolha dos melhores de 1950, correspondènde ao melhor bailarino, melhor bailarina, melhor cantor e melhor cantora. Procedida a votação foram concedidas medalhas de ouro a: Maria de Sá Earp, melhor cantora; Paulo Fortes, melhor cantor; e Maria Angélica, melhor bailarina. Não houve votação quanto ao melhor bailarino.



MARIA DE SA EARP



PAULO FORTES

NOTICIARIO

★ SERGEI PROKOFIEV PREMIADO — Despachos telegráficos procedentes de Moscou, anunciam que o compositor Sergei Prokofiev conquistou o Prêmio «Stalin» de segunda classe, no valor de 50.000 rublos, por suas composições sôbre o tema do «triunfo da paz sôbre os belicistas». Foi comunicada, também, a concessão de mais 170 prêmios «Stalin», por obras artísticas e literárias no valor de mais de 7 milhões de rublos. Prokofiev foi premiado por duas obras sinfônicas, cujas letras foram escritas pelo poeta Samuel Marshaka, que recebeu o primeiro prêmio de poesia. ★ GIUSEPPE VERDI— No «Teatro dell'Opera», em Roma, foi comemorado o cinqüentenário do falecimento de Verdi com a execução «Forza del Destino», ópera em que vive mais do que em outras a imortal concepção do Maestro. Antes do início da execução, o Maestro Hildebrando Pizzeti falou sôbre a figura de Giuseppe, Verdi. Estavam presentes o Chefe do Governo, vários Ministros e o Corpo Diplomático. Na aldeia de Busseto o comércio fechou em sinal de luto, enquanto na igreja de São Bartolomeu foi celebrada u'a Missa pela alma do grande compositor.

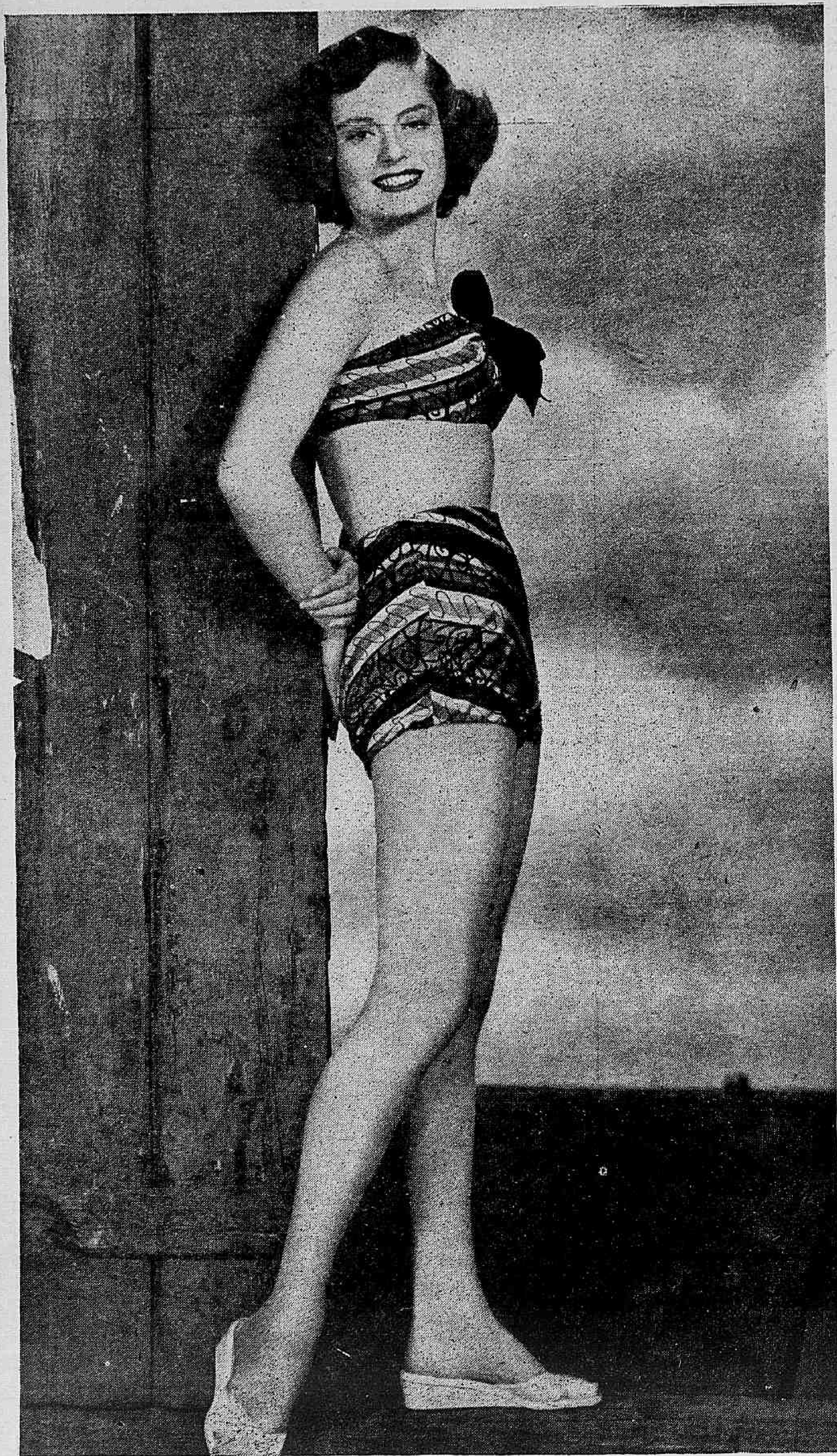
Em Veneza, a cidade que talvez foi mais querida por Giuseppe Verdi, realizaram manifestações comemorativas de grande vulto. No «Teatro della Fenice», Ricardo Bacchelli pronunciou uma oração em seguida foi executada a ópera «Rigoletto», de cuja apresentação em Veneza corre neste ano o centenário.

Nápoles comemorou Giuseppe Verdi com uma notável edição do «Trovatóre», no Teatro São Carlo e com uma interessante exposição de lembranças do Maestro. Antes do início da execução do «Rigoletto», falou Gioacchino Forzano. Em vários paises, as comemorações de Giuseppe tiveram características da especial solenidade.

«O «Poligráfico dello Stato» publicou na ocasião do cinqüentenário verdiano, u'a magnífica edição da canção «In morte di Giuseppe Verdi» de Gabrielle d'Annunzio. ★ ARTISTAS EM TRANSITO — Exibiu-se na capital paulista por iniciativa da Sociedade de Cultura Artística de S. Paulo e no Rio, sob os auspícios da cultura Artística, o pianista Robert Weisz que pela primeira vez vem ao Brasil. Outro artista que também se apresentou às platéias brasileiras pela primeira vez, foi o pianista húngaro Sari Biro. ★ DO RECIFE PARA S. PAULO — Foi convidado pela Divisão de Expansão Cultural e Escola de Música de S. Paulo, para reger as orquestras daquele departamento, o maestro Vicente Fitipaldi, diretor e regente da Orquestra Sinfônica de Pernambuco. ★ ESCOLA NACIONAL DE MÚSICA — A professora Henriette Morineau realizará um Curso Extraordinário de «Interpretações Líricas». O curso constará de 30 aulas e será realizado nos mesmos moldes do Curso levado a efeito no ano anterior. As inscrições estarão abertas até 30 de abril próximo. ★ BALLET LAMBRINOS — Está fixada para a segunda quinzena de abril, a estréia do conjunto coreográfico grego-espanhol «Ballet Lambrinos». Sob a direção de Vassili Lambrinos, êste conjunto oferecerá ao público brasileiro um variado repertório típico-clássico. O grupo constituido em sua maioria por artistas procedentes do «Original Ballet Russo», apresenta os seguintes bailarinos: Nadia Angelova, Maya Koumani, Suny Lorinosi, Amalia Lozano, Vassili Lambrinos, Raul Severo, Miguel Terekhov e Irma Vilamil. ★ A VOLTA DE ASSIS PACHECO — Acaba de firmar contrato para atuar na Temporada Oficial de Arte Nacional de 1951, o tenor Assis Pacheco, nome de categoria da cena lírica brasileira, que, ao lado do contralto Maria Henriques, tomará parte na repre-

(Cont. na pág. 24)

Pausa para meditação



ALEXIS SMITH (Warner Bros.)

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO:

"VALENTINO" — belíssimo cine-romance, inspirado na vida do imortal ator cinematográfico!

★

"POR UM AMOR" — cine-romance com June Allyson, Dick Powell e Ricardo Montalban!

★

LINDA STERLING — reportagem biográfica em tôrno da rainha dos seriados!

★

PORTUGAL PERDEU UM ENGENHEIRO — Reportagem radiofônica com o cantor luso José Antônio!

★

MICHELINE PRELLE — Sugestivo close-up de uma das mais atraentes atrizes de França!

★

"RASTRO SANGRENTO" — Resumo do filme.

★

FLASHES MUNDIAIS — Flagrantes fotográficos e notícias do movimento cinematográfico em todo o mundo.

★

MELODIAS PARA VOCÊ — Últimas novidades em letras de músicas populares.

★

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS — Focalizando a figura do cronista José Amádio, de "O Cruzeiro".

★

TELAS DA CIDADE — Críticas com as respectivas cotações, dos mais recentes filmes exibidos no Rio.

★

GEOGRAFIA DE VIRGÍNIA — Minuciosa e detalhada reportagem, amplamente ilustrada, sôbre a glamourosa Virgínia Mayo.

★

E MUITAS OUTRAS SEÇÕES PERMANENTES: — Rádio, Música, Variedades.

ANUÁRIO ESPORTE ILUSTRADO

EM 1950

O MOVIMENTO COMPLETO

do FUTEBOL

EM 1951

OS LEITORES EXIGIRAM E O
apresentará além do

FUTEBOL

AS ESTATÍSTICAS COMPLETAS DE TODOS OS

ESPORTES AMADORISTAS

DENTRO DE ALGUMAS SEMANAS EM
TÔDAS AS BANCAS!

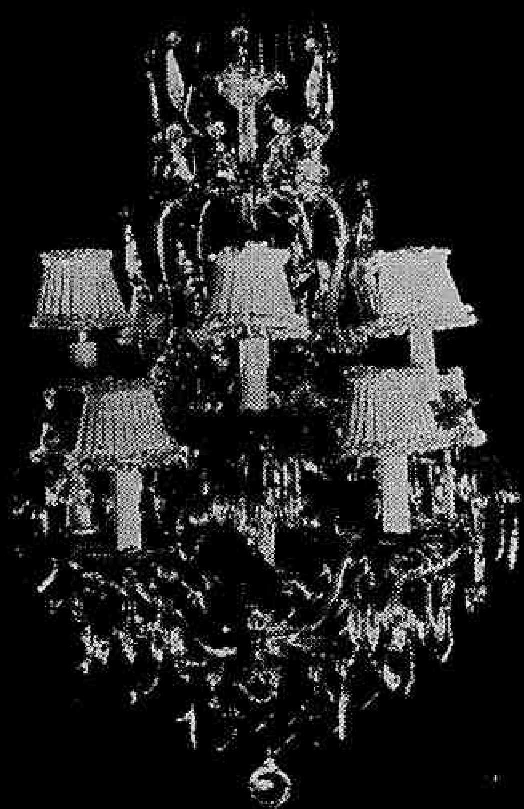
O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

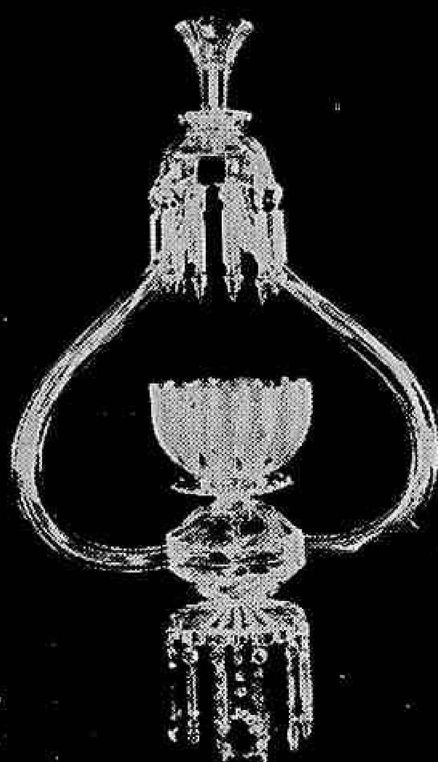
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

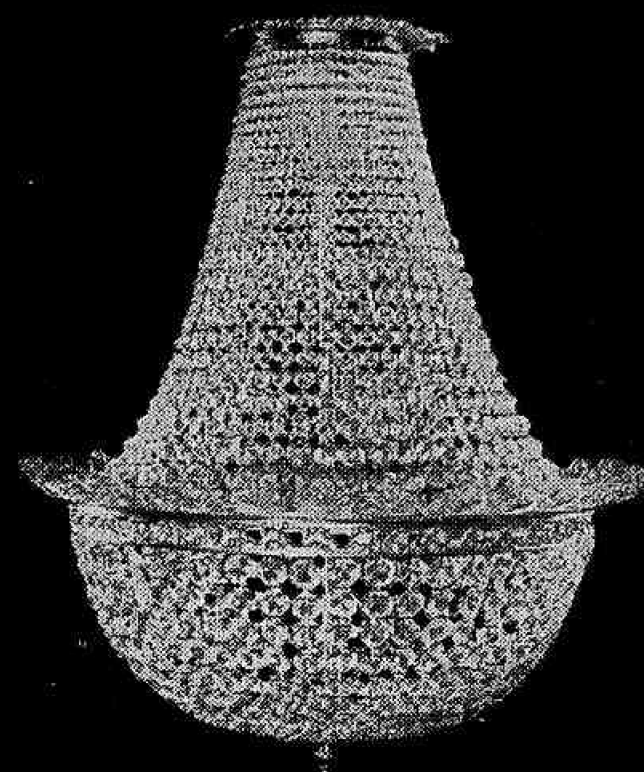
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

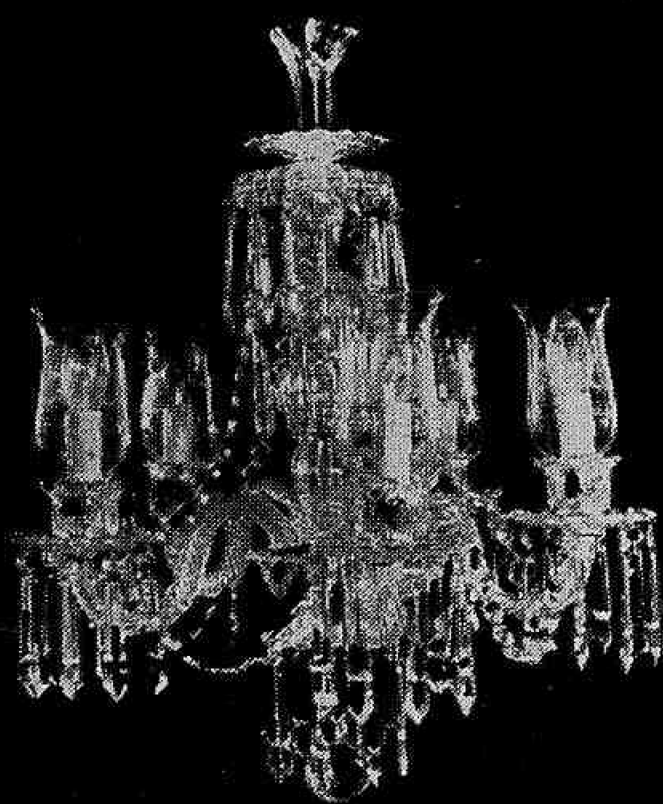
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

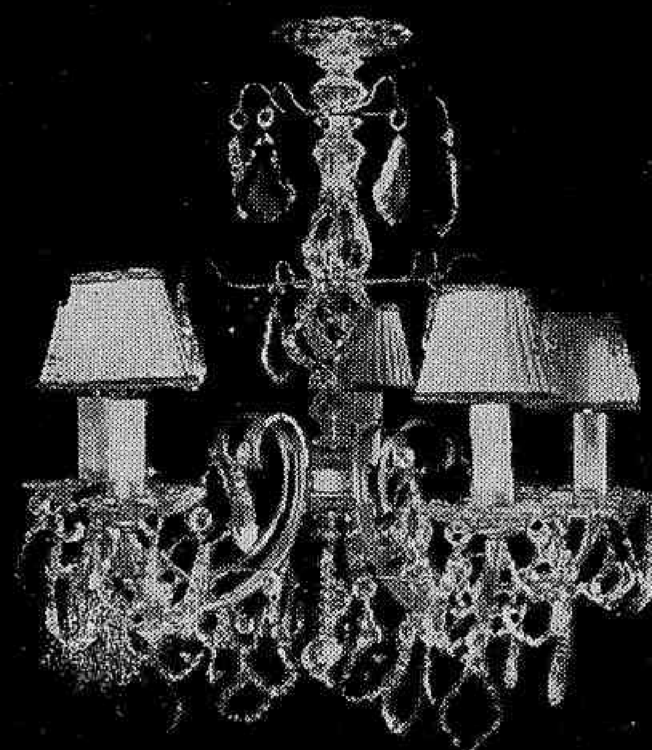

1


2


3


4


5


6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTA MENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDR O onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEM BOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.